

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Na Ressurreição a paz e caridade para todos os homens <i>Radiomensagem Pascal de S. S. João XXIII</i>	321
A colaboração das Religiosas pelas vocações eclesiásticas <i>Mensagem de S. Emcia. o Cardeal G. Pizzardo</i>	324
Declaração dos Cardeais, Arcebispos e Bispos participantes da V Assembleia Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil ..	326
Cultivo de vocações em Escolas Secundárias Católicas <i>Pe. Frei Marcelo M. Gomes O. F. M.</i>	333
Projetos e realizações da Pastoral de conjunto <i>Pe. Fernand Boulard</i>	343
O Movimento Familiar Cristão apresentado aos Sacerdotes <i>Pe. Frei Lucas Moreira Neves O. P.</i>	351
Movimento pastoral de conjunto no Nordeste — II <i>Planejamento da Província de N. Sra. das Neves</i>	363
Apostolado vocacional do Bem. Irmão Benildo F. S. C. <i>Irmão Agostinho Símão F. S. C.</i>	369
Educação Religiosa é Constrangimento? <i>Dom Estêvão Bettencourt O. S. B.</i>	375
Encontro de Redatores da Imprensa Católica <i>Departamento de Imprensa da C.R.B.</i>	378
Comunicações	380
Pedidos de Novas Fundações	381
Bibliografia	374, 382

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
Av. Rio Branco, 131 - 9.º andar — Rio de Janeiro — Brasil
Diretor Responsável: Laércio Leopoldino

DOCUMENTOS

NA RESSURREIÇÃO A PAZ E CARIDADE PARA TODOS OS HOMENS

Radiomensagem Pascal de Sua Santidade João XXIII — 21 de Abril de 1962 (1)

Esta santa noite de vigília renova, mais uma vez, para benefício e alegria das almas, os ritos litúrgicos segundo as tradições mais antigas do Oriente e do Ocidente.

Há bastante tempo já conhecíamos a poesia desta vigília pascal.

Recordações saudosas do Papa

Nos primeiros e já longínquos dez anos do Nosso ministério de representante Pontifício nos Países Balcânicos, mais determinadamente, na Bulgária — região muito rica de antiquíssimas memórias religiosas, cuja recordação Nos comove sempre, por tantas e tão amáveis pessoas que lá encontramos e Nos estão ainda presentes ao espírito — vivíamos tão perto da igreja principal de Sofia que podíamos seguir de perto a primeira chama do anúncio da Ressurreição e acompanhá-la em seguida, no seu percurso noturno, que despertava claridades e alegrias nos pontos principais do seu rápido trajeto, em Pleven, em Sumens, em Varna. Chama saudada em toda a parte com o **Kristos vos-Krecke — Christus resurrexit**, que fazia exultar as vertentes da grande cordilheira dos Balcãs.

Nesta mesma hora do sábado santo, apraz-Nos recordar que em Roma, desde os primeiros séculos cristãos até o século XIV, o anúncio da Ressurreição era dado pelo próprio Papa, antes de se dirigir a Santa Maria Maior para cantar a missa, **in nocte**, ainda de noite.

O Sumo Pontífice partia do Latrão e detinha-se algum tempo na capela de São Lourenço, chamada do **sancta sanctorum**; ali, depois de venerar a imagem do Divino Redentor, comunicava três vezes seguidas o anúncio festivo: **Surrexit Dominus de sepulcro, alleluia**. Ao qual todos respondiam: **Qui pro nobis pependit in ligno, alleluia**.

Os prelados do séquito prestavam o mesmo ato de veneração à imagem sagrada e, por último, recebiam do Papa o ósculo da paz. O Papa dizia a

(1) "L'Oss Romano", 24-25 de abril de 1962.

cada um: **Surrexit Dominus vere**; e cada um, com palavras que impressionavam sem dúvida o espírito do sucessor de Pedro, respondia: **Et apparuit Simoni!**

A afirmação do grande mistério, com esta indicação particularizada, é do Evangelista São Lucas, no fim daquela narração deliciosa que teve como protagonista os dois discípulos de Emaús (Cf. Lc 24, 34).

São Marcos, **filius et interpres Petri**, dá-nos também o seu testemunho e transmite, por seu lado, as palavras do Anjo às santas mulheres: **Procurais Jesus de Nazaré, que foi crucificado. Ressuscitou... Dizei aos discipulos e a Pedro que ele vos precederá na Galiléia** (Mc 16, 7).

E, por seu lado, não descreve o quarto Evangelista — a traços vivos, que despertam a comoção — a corrida de ambos, Pedro e ele mesmo, João, em direção ao sepulcro, para verificarem a realidade do fato da ressurreição?

Poucos dias depois — é ainda São João quem nê-lo conta — repete-se no lago o prodígio da pesca milagrosa. Pedro lança-se à água para ir ter com o Senhor. E Jesus, depois de o levar a comprometer-se, com uma tríplice profissão de amor, a continuar e a dirigir, em sua vez, a obra da evangelização do mundo, constitui-o pastor do rebanho universal, **pater e pastor, ut aedificet et plantet** (cf. Jer 11, 10).

Perene testemunho da Ressurreição

Amados filhos. O serviço das almas, tal como o entendemos e o exprimimos, não só em palavra, mas com todos os outros atos do Nosso ministério, pretende ser testemunho da ressurreição de Jesus. O Papa continúa a incitar cada um dos fiéis a cumprir os deveres da vida cristã. Assim espera Ele se reforce a unidade visível da Santa Igreja e se desenvolvam as empresas apostólicas, que manifestam até aos últimos confins do mundo a atividade múltipla e benéfica da Igreja.

É este o significado da tríplice aclamação desta santa noite: **O Senhor ressuscitou de verdade!** Neste fato se inspira não só o apostolado missionário mas também a corajosa defesa dos princípios em que se baseia todo o edifício da dignidade humana e da civilização cristã.

É a ressurreição de Cristo que explica a difusão do Evangelho pelo mundo, sustentando o embate das forças do mal e vencendo dificuldades de todo gênero.

O mal, que tem por cabeça o **princeps huius mundi** (Jo 12, 31), e as dificuldades reforçadas pela fraqueza humana e multiplicadas pelos compromissos, conseguiram destruir pelos séculos fora a resistência física de inúmeras criaturas frágeis, votadas ao sacrifício. Apesar de tudo, o Evangelho conseguiu penetrar, como semente fecunda, na alma dos povos. **Dominus regnavit!** (Sl 99, 1; 93, 1; 98, 1).

Pedro, vivo nos seus sucessores, continúa a transmitir ao mundo a grande notícia da ressurreição e os cristãos mais fervorosos na profissão da fé tiram dêsse anúncio as necessárias conseqüências, mesmo de ordem social. Daí derivaram correntes de pensamento e de atividade, que levam o

homem a nada temer e a não recuar diante de nada, quanto ama a verdade e a verdade lhe ilumina os passos.

Pelo Calvário passou Jesus Cristo; nêle morreu; mas também ressuscitou. E é lembrado de tudo isto, que o cristão observa as alternativas humanas: a dor e a morte, calamidades e misérias, pesar-lhe-ão sôbre os ombros; mas não conseguirão abater-lhe o espírito.

O Concílio: fulgores da Páscoa e de Pentecostes

Amados filhos. E' natural que desejeis corresponder à saudação pascal do Papa com as palavras do Evangelista: **Sim (Cristo) ressuscitou e apareceu a Simão (Pedro)!**

Vos vedes êste ano o vosso Papa com uma expressão de especial alegria. Desejais acompanhá-lo até ao limiar do próximo Concílio Ecumênico, que pretende ser — como a Páscoa é — um grande despertar, um pôr-se de novo a caminho, com maior ânimo. Como aconteceu com os Apóstolos, depois da ressurreição do Senhor e depois do Pentecostes, que veio confirmar tôda a pregação do Divino Mestre; também hoje novo ardor de vida cristã, suscitado pelo sôpro vigoroso do Espírito Santo, vai impelir as almas para novas conquistas e dedicação mais generosa ao serviço do Senhor. A aproximação do Concílio será como outra manhã de Páscoa, tôda iluminada pela face amabilíssima e pelas palavras cheias de ternura do Ressuscitado: A paz seja convosco. Será nôvo Pentecostes, a renovar as energias apostólicas e missionárias da Igreja, em tôda a extensão do mandato recebido e do seu ardor juvenil.

E' ainda Pedro, no seu mais recente e humilde Sucessor, que, rodeado da coroa imensa de Bispos, se prepara, ao mesmo tempo temeroso e confiado, para dirigir a Sua palavra às multidões. A sua palavra vem de há vinte séculos. Não é sua, é de Jesus Cristo, Verbo do Pai e redentor de tôdas as gentes. E' ainda êle que indica à humanidade os grandes caminhos que levam à convivência na verdade e na justiça. Amados filhos, os vossos votos e a vossa oração como que apresentam já aos Nossos olhos esta visão, enquanto vamos esperando que ela se torne plena realidade.

E Pedro ora por vós: **et tu aliquando conversus confirma fratres tuos** (Luc 22, 32). Tanto Nos enternece a renovação desta certeza, durante a vigília pascal! Jesus ressuscitado, para o qual subirá em breve o nosso aleluia, esteja ao lado de cada um de vós, entre nos vossos corações com a sua graça, apareça nas vossas casas, a levar-vos os seus votos de paz: **Pax vobis**, a paz seja convosco. Vá êle encontrar almas dispostas a recebê-lo, vontades dóceis, corações renovados no perdão que apagou as culpas. Que Jesus, com os seus dons, vá alegrar as vossas famílias, de modo especial aquelas em que é maior o número de filhos, e aquelas onde há quem sofra na alma ou no corpo, ou viva na pobreza e na aflição. Alegre os sacerdotes e as almas consagradas a Deus, e as incite a procurarem maior perfeição. Anime o apostolado dos leigos; e em muitos espíritos nobres desperte o sentido cristão da vida.

Saudação do Vigário de Cristo: "Pax vobis"

Amados filhos. Enquanto Nos preparamos para fazer descer uma Bênção abundante sobre vós, que Nos ouvis, volta o Nosso pensamento ao ósculo da paz que o Papa dava aos prelados que o acompanhavam do Latrão a Santa Maria Maior, segundo o antigo costume romano a que aludimos.

Que fonte de alegria é para o nosso espírito poder trocar, ainda agora, este ósculo de paz, na sucessão humilde do primeiro Apóstolo Pedro! A êle, a Pedro, confiou Jesus o mandato universal de apascentar os cordeiros e as ovelhas do místicos rebanho. E Nós, que Nos sentimos herdeiro desta responsabilidade, quanto desejaríamos ir ter pessoalmente convosco **in osculo sancto** (Rom 16, 16). Ir ter convosco, pastores e fiéis da Igreja — una, santa, católica e apostólica — espalhados pelo mundo, sempre prontos a dar testemunho do Senhor! Quanto desejaríamos levar bênçãos celestiais a todos aqueles que, formando embora unidades religiosas, se honram todavia com o sinal glorioso da cruz de Cristo; e atingir mesmo os homens todos, porque todos levam na fronte o sinal da imagem e semelhança com Deus Criador, e todos foram remidos por Jesus. A todos chegue a exultação da alegre nova: **surrexit Dominus vere! et apparuit Simoni**.

Na profunda emoção deste momento solene, que é, com certeza, sentida em todos os pontos da terra, apraz-Nos renovar os Nossos bons votos, a que vem dar eficácia a Nossa Bênção Apostólica, sinal de paternal benevolência e penhor de graças celestiais e de suas consolações.



A COLABORAÇÃO DAS RELIGIOSAS PELAS VOCACÕES ECLESIÁSTICAS

Mensagem de S. Emcia. o Cardeal G. Pizzardo (1)

Os Congressos que a Obra Pontifícia das Vocações Eclesiásticas realizou no ano passado confirmaram ser muito justificado o grito que é seu lema: "Mais Sacerdotes, mais e mais Sacerdotes, para a salvação do mundo!".

O Espírito de Deus, que vela sobre a Igreja e Lhe infunde uma fecundidade sobrenatural, de certo não abandona esta Espôsa imaculada, que o Espôso Celestial conquistou com seu Sangue.

Mas é também verdade que a bondade e misericórdia infinitas de Nosso Senhor quiseram que os progressos espirituais e o desenvolvimento da fé sejam confiados também ao trabalho dos homens, os quais se tornaram, assim, instrumentos da Graça.

E' por este motivo que a obra das vocações lembra sem cessar quão penosa e prejudicial é a escassez de Sacerdotes, e convida os fiéis a uma santa cruzada para recrutar boas vocações.

Poderia parecer supérfluo advogar esta santa causa perante as almas pias e zelantes quais são as Religiosas.

1) Rivista delle Religiose, 1962, 3.º, pp. 182-184.

Realmente esta causa, sendo a própria causa de Deus e da Igreja, deve encontrar no espírito das Virgens consagradas ao Divino Redentor uma plena preparação e disposição de mente e de coração.

E isto ainda mais porque, se as Religiosas colocam no primeiro plano de suas atividades espirituais uma finalidade tão alta, elevam seu espírito acima das coisas comuns e míseras desta terra, tornando-se cooperadoras do Senhor, e enchem de viva e santa alegria sua vida inteira, oferecida a Deus, em odor de suavidade (Ef 5, 1-2).

Apraz-me lembrar aqui algumas considerações íntimas de Santa Teresa do Menino Jesus: "A vocação de sacerdote! Com que imenso amor, ó Jesus, vos traria em minhas mãos, quando minha voz vos fizesse descer do Céu! Com que imenso amor vos daria às almas! Não tendo esta sorte, desde muito tenho um grande desejo: o de ter um irmão Sacerdote".

E Deus — como lemos na "História de uma alma" — deu-lhe "deux frères d'âme", dois jovens missionários pelos quais Teresa oferecia cada dia seus sacrifícios e suas orações, enquanto êles lhe retribuíam tão grande benefício rezando por ela. "Mas o zelo de uma Carmelita — dizia — deve abraçar o mundo inteiro". Por isso Teresa, com a graça de Deus, procurava ser útil não só aos dois Missionários adotados como irmãos, mas a todos os ministros de Deus, a qualquer simples Sacerdote diocesano, cujo ministério às vezes é tão difícil quanto o dos Apóstolos que pregam aos infiéis.

A pequena Teresa, grande Santa de nossos tempos, compreendera muito bem a grandeza e a imposição da Vocação Divina, isto é, o chamamento àquele estado tão sublime que faz dos homens sobre a terra quase Anjos de Deus no Céu. "Erunt sicut Angeli Dei in coelo". Esse foi o tema desenvolvido pelo Cardeal Pacelli em seu inspirado discurso sobre a Obra das Vocações Eclesiásticas, a 31 de janeiro de 1932. Este discurso, espalhado pela Sagrada Congregação dos Seminários em milhares de exemplares, está sempre na base de nossa atividade porque, além de ilustrar a necessidade de que todas as almas escolhidas se ocupem da Obra das Vocações Eclesiásticas, salienta também a grandeza espiritual à qual todos os chamados por Deus devem tender.

Seja-me permitido referir aqui a conclusão do memorável Discurso, a qual, resumindo a doutrina sobre o Sacerdócio Católico, constitui um hino à sua excelsa grandeza e à sua sublime missão no mundo, aquela missão da qual todas as Irmãs devem de qualquer modo participar, seja com a ação permitida por suas Regras, seja sobretudo com seus sacrifícios e sua oração, como nos ensina a vida da Santa acima lembrada — Teresa do Menino Jesus:

"E então, ó Jesus, que êles sejam verdadeiros Anjos para teu povo. Anjos de pureza, que ao teu divino amor submetam qualquer outro amor humano, ainda que terno e santo; anjos de caridade, que renunciem às doçuras da família terrena para criarem uma outra maior, da qual serão os pais e os pastores, e na qual os pequenos, os infelizes, os cansados, os abandonados, serão o objeto de sua predileção; anjos de luz, que façam resplandecer a fé em Ti como estréla da manhã nas inteligências dos homens; anjos de sacrifício que, como chamas de holocausto, se consumam pelo bem de seus irmãos; anjos de

conselho e de consôlo, que os confortem na dor, os sustentem nas lutas e lhes indiquem, nas horas angustiosas da dúvida, o caminho luminoso da virtude e do dever; anjos de graça, que purifiquem e levantem as almas e as unam a Ti, distribuindo o pão da vida; anjos da paz, que, no momento do último suspiro, nelas derramem a suavidade inexprimível do desejo e do amor de Ti e lhes abram, arrebatadas no êxtase de teu ósculo divino, as portas do céu, onde Tu és luz e alegria infinita dos corações por todos os séculos dos séculos. Amém".

Sejam esta a oração, êstes os sentimentos nobilíssimos que devem cultivar as boas Religiosas, espalhadas por toda a parte na Igreja santa de Deus, para por toda a parte levarem o "bonus odor Christi".

Giuseppe Card. Pizzardo

Prefeito da S. Congreg. dos Seminários e
Universidades de Estudos



DECLARAÇÃO DOS CARDEAIS, ARCEBISPOS E BISPOS PARTICIPANTES DA V ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

Num clima de unidade e de amor à Santa Igreja, acabamos de celebrar a V Assembléia Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Cardeais, Arcebispos e Bispos, em número de 135, estivemos reunidos aqui no Rio de Janeiro, sentindo que conosco estavam presentes os anseios e esperanças de nossas 166 Circunscrições Eclesiásticas, de nossos 12.000 sacerdotes, dos 4.000 religiosos e das 35.000 religiosas, dos 25.000 seminaristas, de legiões de apóstolos leigos e dos fiéis todos que, nas 4.500 paróquias do Brasil, vão realizando o Reino de Deus, muito embora com as limitações e deficiências inseparáveis de quem caminha ainda pelos caminhos da terra. Essa visão foi o estímulo permanente de nosso trabalho, fazendo-nos sentir de forma muito viva nossa condição e nossas responsabilidades de Pastores a quem Deus confiou a guarda de um imenso rebanho espiritual de cuja salvação um dia nos pedirá conta.

Alegramo-nos ao verificar como a CNBB, organizada há dez anos, vem dando resultados inegáveis, fazendo crescer em eficiência a ação pastoral dos Bispos pela imensa vastidão do País. As reuniões periódicas, a troca de experiências, os planejamentos e especialmente o espírito de fraterna colaboração vêm agindo à semelhança do fenômeno dos vasos comunicantes, de tal sorte que áreas cada vez mais amplas se beneficiam dos frutos de métodos surgidos e experimentados em ambientes inicialmente restritos. Exemplos desses auspiciosos resultados são entre outros: maior interesse e maiores possibilidades para a solução dos problemas das vocações sacerdotais e da catequese através da celebração de encontros e semanas de formação e organização de programas e planos; o funcionamento em alto grau de eficiência da "Caritas Brasileira" e o difundir-se da ação social da igreja, muito especialmente no "Movimento de Educação de Base" e nas experiências de sindicalização rural; movi-

mentos de esclarecimento da opinião pública, em torno de grandes problemas, como a família, a educação, a doutrina social da Igreja; retiros especializados orientados para uma presença atuante da Igreja nos dias que correm; intercâmbio com as hierarquias de outras nações, daí resultando colaboração no campo das experiências de apostolado na vida de sacerdotes para reforçar nossas fileiras e mesmo na mecanização de formosos gestos de recursos de católicos de outros países para obras que aqui se estão construindo ou mantendo; aprimoramento das organizações de Apostolado Leigo em suas diversas modalidades, propiciando essa "consecratio mundi" que lhes cabe como cristãos presentes na esfera do terreno e do temporal.

Elevamos por tudo isso as mãos aos Céus em fervorosa ação de graças e não desejamos senão crescer nesse espírito de união e de colaboração para as grandes tarefas que o momento presente nos oferece.

Sabemos que a hora é grave. Sabemos que, além dos problemas tradicionais com que habitualmente se defronta a Igreja na evangelização desta querida terra, cujas dimensões geográficas, já são por si mesmas um desafio à capacidade dos mais abnegados semeadores da palavra de Deus, há também hoje toda essa fermentação social e econômica que caracteriza a nossa época e oferece pretextos aos semeadores de falsas doutrinas.

Não nos desalentamos com isso. Sabemos a gravidade do problema. Mas sabemos também da indefectível fecundidade do Evangelho, que tem soluções válidas para qualquer época da História. Não somos dos que sonham com alguma fórmula mágica ou milagrosa que vá transformar o mundo de um dia para outro, mas sabemos que uma urgente e vigorosa ação de conjunto fará com que os valores permanentes atuem com mais incisiva incidência sobre a marcha atual dos acontecimentos.

Com essa preocupação nos reunimos, rezamos, estudamos, debatemos, planejamos. E sentimo-nos felizes em manifestar aos nossos dedicados sacerdotes e fiéis algo do que foram nossos dias de assembleia. Eles ficaram marcados — poderíamos assim sintetizar — por uma presença, um roteiro, uma esperança.

1.º — Uma presença: a presença do Papa

Sentimos viva e solícita a presença do Santo Padre João XXIII, em cujo coração paterno descansa aquela "sollicitudo omnium Ecclesiarum" que caracteriza o Pastor Universal da Cristandade. Dirigiu-nos Sua Santidade uma afetuosa carta, na qual manifesta seu particular interesse pelos problemas da América Latina, onde, ao lado de uma antiga, geral e esplêndida fidelidade à Santa Igreja, não escasseiam perigos e insídias que vão desde o difundir-se de superstições e de seitas até o drama sombrio de uma nação inteira atraída por uma revolução que, parecendo nascida sob o signo de grandes esperanças, acabou por atirar os cidadãos nas duras malhas do marxismo materialista e impiedoso.

O Santo Padre, que vive o programa do Apóstolo São Paulo: "Alegrar-

se com quem se alegra, chorar com quem chora" (Rom 12, 15), lança sobre nós toda a sua especial benevolência e nos acompanha com sua oração, seu afeto, suas paternas orientações.

Para que a presença do Papa fôsse ainda mais viva, pudemos gozar em todos os dias das reuniões da confortadora presença do Exmo. e Revmo. Senhor Núncio Apostólico, o qual num gesto de imensa bondade, comentou em precioso discurso a augusta mensagem do Santo Padre. O conhecimento que o Exmo. Núncio Apostólico tem do Brasil, o interesse e dedicação que consagra a nossos problemas, acrescentam-lhe à nobre qualidade de Embaixador do Papa o título de grande benfeitor e amigo do Brasil. Nos poucos mais de 7 anos em que vem exercendo aqui o seu cargo, promoveu a criação de 52 novas dióceses e Prelazias e a eleição de 78 novos Bispos, viu nascer — também como fruto disso — 3 novos seminários e realizou visitas a todos os recantos do território nacional, abençoando e estimulando o Episcopado, os sacerdotes e os fiéis. A palavra de Sua Excia., eco da palavra e do coração do Santo Padre, foi um grande conforto para o coração de todos os Bispos presentes. Guardá-la-emos como tendo sido o momento mais alto de nossas reuniões.

2.º — Um roteiro: a Mensagem do Santo Padre

Para todo o vasto e intensíssimo roteiro de trabalho que realizamos guiou-nos roteiro seguro a mesma palavra do Santo Padre, em sua preciosa mensagem. Era como a luz sincera de uma estrela boa e tranqüila brilhante em nosso caminho. Este é o estilo do Papa João XXIII. E assim nos foi muito fácil caminhar. Nesta Carta o Santo Padre:

a) Pedes-nos que iluminemos as mentes dos homens pelo ensino do Catecismo, pela pregação, pela difusão das escolas católicas de todos os graus, pelos cursos de cultura religiosa e pelas missões pregadas ao povo e às diversas camadas sociais segundo as peculiaridades de cada uma.

b) Pedes uma intensa vida eucarística e uma frequência conscientemente vivida dos sacramentos, fontes indispensáveis da graça que alimenta a vida sobrenatural dos fiéis.

c) Deseja ver os fiéis cheios de entusiasmo por sua fé sentindo-se parte viva e operante da Igreja, incorporando-se nas fileiras da Ação Católica, promovendo-a, experimentando as delícias de serem úteis ao bem religioso e moral da sua própria terra.

d) Inculca-nos um trabalho intenso pelas vocações sacerdotais e religiosas, como também a orientação e o estímulo paternais ao trabalho do Clero e dos Religiosos, para que juntos realizemos a grande tarefa de instaurar o Reino de Deus firme e estável entre nossos povos.

e) Faz um caloroso apêlo — "movido pelo afeto paternal que consagra ao nosso povo", são suas pessoais palavras — aos governantes e a todos quantos têm a tarefa de enfrentar os graves problemas de caráter político, social e econômico que nos afligem a fim de que os saibam resolver com diligência e habilidade, lembrando-se que nenhum edifício social pode

ser sólidamente construído se não tiver como alicerce o respeito aos princípios morais e aos preceitos da Lei de Deus.

f) Aponta, enfim, a "Mater et Magistra", recebida por todos com tanto aplauso, a fim de que a acolham como confirmação completa e atualizada de toda a doutrina social da Igreja. Urge que essa doutrina seja conhecida e posta em prática para que ninguém se deixe iludir por doutrinas falazes e nem digam porventura os inimigos da Igreja que ela não se preocupa das necessidades temporais dos homens. E lembra ao Clero, aos Religiosos e aos católicos que mais abertamente professam sua fé e que estão dispostos a colaborar na instauração do Reino de Deus, a gravíssima obrigação de, com a palavra e, mais ainda, com o exemplo, fazerem brilhar o preceito da justiça e do amor fraterno, alma e base da doutrina social da Igreja.

E' a palavra do Papa. A autoridade que a informa, a paternidade que a envolve e as bênçãos e orações de quem vem, acompanhada são um penhor de quanto lucraremos em pô-la em execução. Na sua aparente singeleza e simplicidade, que afinal é a singeleza das grandes coisas indispensáveis, como a água, o ar, a luz — traça o Santo Padre uma vigorosa síntese de toda a vida cristã, desde a luz da Fé, que está no início do caminho para Deus, até a presença do cristão nas atividades da ordem temporal onde pela justiça e pela caridade, realiza o Reino de Deus que "sendo um reino de verdade, de santidade e graça é também um reino de justiça, de amor e de paz". E' a visão global da vida cristã que aparece quase como um "leit motif" nas preocupações pastorais do Sumo Pontífice como aliás em forma magistralmente pedagógica em toda a "Mater et Magistra".

Não quer o Papa que o homem e a civilização se entreguem a uma espécie de inevitável e fatal embrutecimento na execução das tarefas terrenas, mas ensina-lhes, ao contrário, a nobreza dessas ocupações e o modo de enxertar-lhes a nota humana e cristã, sem a qual a própria civilização viria a perecer.

Animados pela mesma preocupação, queremos realizar no Brasil uma presença vital da Igreja que salvará as almas e salvará a Nação de todas as ameaças que contra ela se levantam: como o comunismo ateu e demolidor dos valores mais autênticos do homem; as concepções destruidoras da dignidade da família e as reiteradas tentativas divorcistas, com as quais jamais se poderá conformar a consciência dos eleitores cristãos; a mentalidade laicizante, que teima em voltar ao cenário do País ao menos em alguns setores de suas atividades; o egoísmo e o lucro erigidos pelo liberalismo econômico em suprema norma de governar as atividades produtoras da Nação e que deverá cristãmente dar lugar ao espírito de serviço e de bem comum, se não quisermos ver os desequilíbrios sociais crescerem até o desespero.

Dai o sentido de solene convocação que queremos tenha esta nossa reunião, iluminada pela luz da palavra do Papa.

Convocamos, pois, todas as forças vivas da Igreja para um renovado esforço de pastoral, que congregue Sacerdotes, Religiosos, Leigos e atinja todas as almas, não só aquelas ovelhas dóceis que vivem já na fidelidade à Santa

Igreja, mas ainda as ovelhas arredias e as tresmalhadas para as quais não falta senão talvez um convite e uma oportunidade para conhecerem de mais perto a Igreja e os bens que ela oferece em nome de Deus. Essa convocação nos obriga a uma nova consagração de nossa vida pessoal ao serviço de Deus e nos impõe a urgência da preparação de preciosos auxiliares leigos, que colaborem conosco, despertados, como quer o Papa, para o entusiasmo de serem úteis ao bem religioso e moral de seu povo. A ação pastoral, levando às almas a palavra de Deus e os sacramentos e vitalizando a participação dos fiéis na vida litúrgica da Igreja, é a base de tudo o mais; a ação própria e primeira da Igreja, que daí caminhará para o exercício de suas responsabilidades no campo do social e do econômico.

Convocamos a família e a escola a defenderem o tesouro da Fé e das virtudes cristãs da infância e da adolescência ameaçados pela disseminação de doutrinas e exemplos nefastos.

Convocamos a imprensa e todos os órgãos de difusão para que consócios de suas responsabilidades sejam veículos da verdade e da virtude e jamais da deformação e do erro.

Convocamos os homens de tôdas as classes a realizarem no mundo do trabalho, dos negócios e das profissões as diretivas da doutrina social da Igreja. Fugindo do nivelamento liberticida pregado pelo marxismo, não se caia no egoísmo, na cobiça e na desumana indiferença que caracterizam o capitalismo liberal.

Hoje não se pode mais errar, nem tergiversar, pois o caminho está aberto e seguro: é a "Mater et Magistra", código completo de convivência humana impregnada de vida sobrenatural, ensinando-nos que a Justiça e Bondade Cristãs hão de vencer "o espírito de contradição e de dureza para se conseguir uma valorização mais serena das coisas" (João XXIII — Rádio-Mensagem, Natal de 1961).

Convocamos os próprios homens de govêrno a terem diante dos olhos os grandes princípios da doutrina da Igreja no trato da coisa pública. Que seu trabalho dedicado e patriótico leve o País a seus altos destinos de progresso, dêse progresso que, como é óbvio, não se há de medir em milhões de quilowatts e em toneladas de aço, mas principalmente na proporção de calorias de que cada cidadão precisa para a sua vida na saúde defendida contra as endemias e a mortalidade infantil, nas escolas multiplicadas para atender a tôda a população, na habitação condigna de seres humanos, programa que temos a satisfação de reconhecer, está hoje preocupando vivamente os poderes públicos.

E' dentro dessa mesma linha de apêlo sem descermos a pormenores técnicos que a nós não compete definir, aplaudimos os esforços para se estabelecer uma sábia reforma agrária que dê ao homem do campo a mais perfeita assistência técnica de crédito e de serviços sociais, que defenda o trabalhador nos seus direitos, especialmente quanto ao salário e habitação e que, através de uma legislação justa e adequada, propicie efetiva difusão da propriedade da terra.

Ficará assim assegurada a produção rural, fonte sem dúvida a mais fecunda e a mais estável do bem-estar das nações. E mais ainda: ficará afastado o pretexto dos falsos líderes que desvirtuam na pregação demagógica e violenta os legítimos anseios dos trabalhadores rurais, os quais devem ser eles próprios os autores de sua promoção, como largamente se expôs nas páginas da "Mater et Magistra".

Convocamos os eleitores brasileiros a reservarem seus votos exclusivamente para os cidadãos que possam servir mais altamente aos interesses legítimos da Nação.

Clamando por uma urgente reforma eleitoral que possibilite de fato aos eleitores a plena liberdade de escolha, convocamos os partidos políticos a só apresentarem candidatos que visem ao bem verdadeiro do povo e jamais atraíam os princípios que devem reger nossa terra livre, democrática e sinceramente cristã.

A Aliança Eleitoral para a Família, já tão amplamente aprovada e abençoada pelo Episcopado, será valioso instrumento na orientação do eleitorado.

Convocamos a consciência democrática do País para que permaneça alerta frente ao ímpeto com que continua a processar-se a infiltração comunista mórmente depois do reatamento de relações diplomáticas com a URSS, ato consumado sobre o exame do qual não é aqui o momento de nos determos.

Sob o pretexto de relações culturais ou comerciais, aproveitando a colaboração de ingênuos que se deixam envolver ou de maus brasileiros que comprometem o verdadeiro bem do País, vai o comunismo infiltrando o vírus de sua filosofia materialista e fazendo luzir a aparente felicidade prometida pelos seus programas econômicos, sobre os quais mal se pode disfarçar o ateísmo que é a viga mestra de todo o sistema. Suas tentativas para levar o País ao desatino, de legalizar o Partido Comunista, só podem merecer nossa repulsa de Pastores e brasileiros responsáveis pela felicidade de nosso povo. Para que não se lhes enseje o pretexto de que desejam resolver o doloroso problema das populações oprimidas pelas desumanas estruturas sociais, repetimos que a solução está na doutrina social da Igreja. À luz dessa doutrina, serão bem-vindas as chamadas reformas de base algumas das quais na verdade inadiáveis.

Convocamos enfim a todos, pastores e fiéis, clero e laicato, grandes e pequenos, a vivermos num clima de amor e de união, único capaz de somar nossas forças na construção do Reino de Deus.

3.º — Uma esperança: O Concílio Ecumênico

Esse clima de união brilhou diante de nossos olhos como a grande esperança que o Santo Padre alimenta com a celebração do próximo Concílio Ecumênico Vaticano II.

Nossa reunião aqui nestes dias, na fraterna circulação de nossas experiências pastorais pareceu dar-nos a visão de um prelúdio do que vai ser o Concílio Ecumênico. Será a Igreja inteira, representada em quase três mil

Pastôres provenientes de todos os pontos do orbe e carregados não só dos anseios e votos de 500 milhões de católicos, mas ainda da fraterna e amável expectativa de outros milhões de cristãos e da generosa disponibilidade dos mil milhões de almas que ainda não ouviram o anúncio de Cristo e da Igreja.

Caminhamos para o Concílio no desejo e na esperança de que ele realize o propósito do Santo Padre ao convocá-lo. Ele, há de trazer "o incremento da fé católica e a saudável renovação dos costumes do povo cristão".

Vamos para ele levando a colaboração de nossas reflexões e de nossas experiências. Mas queremos levar também, como é o desejo do Santo Padre, o interesse e as orações de todos os nossos fiéis. Todos hão de estar conosco e com toda a Santa Igreja nestes meses que nos separam de 11 de outubro, "em estado de Concílio", acompanhando os passos de sua organização e os pontos de seu programa; e como que antecipando os ideais de renovação cristã que ele propugna. E todos também juntos conosco, hão de rezar para que o concílio colha seus frutos.

É afinal um só e glorioso fruto: uma Igreja renovada no fervor de seus filhos, uma igreja no esplendor em que a descreve o vidente do Apocalipse, como Espôsa revestida de alvíssimo linho, isto é, das virtudes dos fiéis que a compõem. Uma Igreja santa para santificar o mundo e salvá-lo.

Para tudo isso invocamos sobre nossos diletos Sacerdotes e amados fiéis as bênçãos de Deus pelas mãos da Santíssima Virgem da Conceição Aparecida, Padroeira do Brasil.

Rio de Janeiro, 5 de abril de 1962.

AS MONJAS BENEDITINAS DO MOSTEIRO
NOSSA SENHORA DA GLÓRIA em UBERABA-MG

Executam qualquer trabalho de arte:

Pinturas,
Desenhos,
Crucifixos pintados ou modelados.

Em cerâmica: Imagens, Pias de água benta, Castiçais,
Presépios, Vasos, etc.

DIPLOMAS DE 1.ª COMUNHÃO, BATIZADO, CRISMA, ORDENAÇÃO,
CASAMENTO

Paramentos,
Mitras,
Alvas, roquetes, etc.,
Bandeiras,
Estandartes, etc.

Rua Visconde do Rio Branco, 68
Uberaba — Minas Gerais

CULTIVO DE Vocações EM ESCOLAS SECUNDÁRIAS CATÓLICAS (*)

Frei Marcelo M. Gomes, OFM

O total dos estabelecimentos de Ensino Médio no Brasil, segundo estatísticas do MEC, é de 3.179, e dêstes 2.165, portanto mais de dois terços, particulares. Dêstes últimos só uma exígua minoria não está a cargo de Religiosos. Que oportunidade excelente a nossa para servirmos de operários na Vinha de Cristo, no Brasil e no mundo! E isso, sem maiores despesas e empenho de pessoal. A única coisa que se requer é um encarregado entusiasta e bem formado, e um método comprovado.

O que não fariam os comunistas, por exemplo, se tivessem em suas mãos a nossa juventude, aberta para todo entusiasmo e ideal. Não há dúvida que a falta de pessoal nos Colégios dificulta o trabalho especificamente educativo. O espírito mundano, a indisciplina "ab incunabulis", a superficialidade etc. são outros dissolventes de nossa eventual ação educativa.

Mas, sejamos francos conosco mesmos: quantas vezes temos vencido batalhas bem árduas, quando empolgados por uma causa nobre? Talvez nem tenhamos percebido a mole de obstáculos transpostos no ímpeto da investida.

A causa vocacional é uma causa de vida ou de morte, cujo triunfo encherá da mais lídima satisfação o nosso coração sacerdotal e religioso.

Valor das vocações juvenis

Em tratando de vocação de jovens que freqüentam ou terminam a escola secundária, preferimos a denominação de vocações **juvenis** ao invés de tardias, porque êste último qualificativo pode induzir erradamente a pensar que se trate de um desabrochar serótino, fora do tempo. Em vários países católicos, a vocação juvenil constitui caso comum (1). Tardia seria a vocação que surgisse ou fôsse levada a efeito em uma época que já ultrapassasse o período ordinário de estudos de uma pessoa adulta. Preferimos,

*) O presente trabalho foi apresentado a 20 de julho de 1961 perante a Sessão conjunta da Assembleia dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil.

1) Cfr. Pe. Goldofredo Poage C. P., "Recrutando para Cristo", trad. de Frei Odolfo Broering O. F. M. Vozes 1962, p. 66 ss. — De todos os livros que conhecemos êste nos pareceu o mais prático, simples e sugestivo, além de possuir o inegável dom de inspirar entusiasmo e vontade de agir. O Pe. Poage, técnico em vocações, escreveu ainda outra obra: "Mais vocações", cuja tradução está em vias de acabamento.

portanto, classificar as vocações em infantis, juvenis e adultas ou tardias.

É por todos reconhecido o valor superior da vocação juvenil sobre a infantil. Em primeiro lugar, porque o jovem foi criado em um ambiente natural, sábiamente composto por Deus para uma educação harmônica: a família. O Seminário Menor, por ser um ambiente artificial, deve ser considerado como um mal menor, embora necessário em nosso ambiente de frouxo catolicismo e nível estudantil pouco elevado. O vocacionado juvenil costuma demonstrar maior equilíbrio de personalidade, mais dinamismo, mais desenvoltura e maior experiência da vida — elementos estes que serão de grande utilidade no futuro apostolado. Outra vantagem dessa vocação é que ela já vem provada, pois teve de superar os atrativos do mundo, lutas internas e às vezes também externas, e, para que isso fôsse possível, teve de se arraigar em uma profunda religiosidade. Embora ainda sujeita a derrotas, a sua perseverança costuma ser de 80%, enquanto que as infantis entre nós já serão extraordinárias se atingirem os 20% de perseverança.

É também notável a vantagem econômica inerente às vocações juvenis: se, em relação às vocações infantis, tomarmos como média de perseverança 10 a 20% e tivermos ainda em mente que os Seminários são semigratuitos, isto é, cobrando bem abaixo do custo real, nos daremos conta de que as vocações juvenis não impõem nenhum ônus especial, nem econômico nem em corpo docente, pois estudam em colégios pagos, juntamente com outros jovens. Quem cultivou 40 vocações infantis no Seminário, talvez tenha o resultado de quatro perseverantes. Se, ao invés, alguém cultivar quatro vocações juvenis, poderá ter três perseverantes, quase sem gastos, tendo mais oportunidade de formação individual e, além de tudo, colherá um fruto mais qualificado.

A possibilidade deste caminho é ilustrada pelo caso da América do Norte, onde a maior parte das vocações vem das escolas secundárias católicas. Um exemplo bem recente é o de **Cleveland**, Ohio, cidade de 2 milhões de habitantes, com cerca de 600.000 católicos. De 4.235 diplomados, 204 jovens de ambos os sexos entraram para seminários, noviciados ou mosteiros, o que representa 4,8% do total. Mons. William N. Novicky, que fez a estatística, não mostrou muito otimismo com esse resultado, achando que o normal seria no mínimo 10%, isto é, que 423 jovens, em vez dos 204, entrassem para a vida eclesiástica. Uma escola secundária diocesana, a "Cathedral Latin", deu nada menos de 23 rapazes ao clero, nesta ocasião; Santo Inácio deu 15. Entre as escolas secundárias femininas, a chamada "Villa Angelica" deu 16 vocações, e "Regina" deu 11 moças diplomadas para a vida religiosa.

Não se pode dizer que a massa de 1.400.000 não-católicos constitua ambiente muito favorável para vocações; também ali os atrativos da vida são fortes, a imoralidade campeia, as possibilidades de um futuro brilhante são muitas, e as comodidades da vida estão ao alcance de todos. Qual é então o método empregado que dá tão esplêndido resultado? Pode ser que entre nós, pela circunstância de haver menos religiosidade séria, as possibilidades sejam menores, mas mesmo assim, cremos, poderão dar mais frutos vocacionais do

que os poucos que até agora obtivemos na maioria de nossas escolas secundárias de ambos os sexos.

Técnica de trabalho vocacional em escolas secundárias

Preliminares

Antes de tudo, é preciso que tenhamos uma idéia muito clara sobre o que constitui uma vocação, pois, para ser objetivo, é ela que nos imporá as condições de trabalho.

Para que haja verdadeira vocação, se faz mister de quatro elementos mais importantes:

1. a graça de Deus
2. a aptidão física, psíquica, moral, religiosa e legal
3. vontade de ser... legitimamente motivada (reta intenção)
4. chamamento eclesiástico.

Comentemos brevemente cada um desses elementos, em relação ao método a ser usado: o 1.º, a graça de Deus, é sem dúvida o mais importante: "Sem mim nada podeis fazer". "Não fostes vós que me escolhesteis, mas eu escolhi a vós...". "Pedi ao Pai que mande operários". Embora sendo uma parte importante da vocação, o nosso trabalho em relação a ela é secundário, pois Deus é o seu autor e dispõe livremente de seus dons. Mas sabemos que Deus é generoso, o primeiro interessado em que sua Igreja progrida e, por isso, não deixará de dar a sua graça abundantemente. Podemos, sim, e devemos pedir que essas sejam mais intensas e eficientes, visto a má qualidade do terreno em que caem e as circunstâncias adversas que vai encontrar o seu desenvolvimento. De nossa parte, portanto, exige-se a oração. Mas, para que esta seja contínua, viva, abundante e de muitos corações, é necessário que haja alguém que tenha a cargo movimentar sempre de novo o espírito de oração de seu ambiente, para que não esmoreça, pois temos absoluta necessidade de orações. Esse alguém encarregado será justamente o recrutador de vocações, sem o qual, com o correr do tempo, toda eficiência é reduzida ao mínimo.

Saltando por ora os dois elementos intermediários, passemos ao 4.º que é o chamamento eclesiástico. Também este não oferece maiores dificuldades, pois a falta é tanta que os Superiores sempre estarão de braços abertos para receber a todos quantos tenham as qualidades e o preparo necessários. No trabalho vocacional este elemento não tem maior importância.

Máxima importância têm, no entanto, para o recrutador os elementos 2.º e 3.º, a saber: **aptidão e vontade de ser** (sacerdote, religioso ou religiosa), pois, sobre eles podemos e devemos agir, se queremos ter vocações, como outras nações, em nossas escolas secundárias.

A vontade de ser..., enquanto resultante de uma faculdade humana, provém segundo o mecanismo que lhe é próprio, isto é, por atração de um bem. Nesse caso, é evidente que o trabalho vocacional deve ser dirigido nessa direção: fazer com que os jovens ou as jovens conheçam e apreciem os bens reais contidos na vocação. Este conhecimento, quando não é subministrado **sistematicamente**, pode atingir os indivíduos mais ou menos por acaso, e ain-

da assim muito incompletamente. O trabalho vocacional bem organizado deve ter em vista que esse conhecimento seja sempre de novo atualizado a ponto de tornar-se uma mentalidade. Assim como nós, com razão, insistimos na necessidade de conservar a graça santificante, de comungar freqüentemente, de ter devoção a Nossa Senhora etc., até chegarmos a um hábito, devemos também chegar ao ponto em que os nossos alunos tenham não só pleno conhecimento, mas até convicção de que a vida religiosa ou sacerdotal encerra grandes bens.

Esses bens a serem apresentados são os seguintes:

- doação total a Deus como prova e realização do máximo amor;
- intimidade com Deus por toda a vida, sem maiores estorvos;
- colocação da própria alma em seguro contra maior perigo de pecar existente no mundo, realizando assim ao máximo o justo amor a si mesmo;
- salvação das almas imortais, como realização máxima do amor ao próximo;
- valorização da vida, pelo serviço exclusivo a Deus;
- para moças: ser esposa de Cristo;
- paternidade e maternidade espiritual em relação às almas;
- celebração da santa missa, administração dos sacramentos.

Estes bens religiosos, porém, não terão repercussão, ou pouca virão a ter nas almas juvenis, mesmo se claros e sugestivos, se não encontrarem um terreno preparado de antemão. É absolutamente preciso que estes bens objetivos da religião passem a ser bens subjetivos, isto é, se tornem **valores** para o indivíduo, capazes de provocar a decisão extrema de aplicá-los à própria vida. Para que tal possa acontecer é necessário, em primeiro lugar, uma boa base de **virtudes naturais**, antes de tudo, a virtude da **generosidade** que possibilita o que há de mais profundo na vocação que é o ato de doação absoluta a Deus e ao serviço das almas. É também a generosidade que faz com que se vençam as dificuldades pessoais por ocasião das tentações e das dificuldades sociais, e, por isso, essa virtude está na base de todo o edifício vocacional. Sendo a vocação um ideal, isto é, uma grande idéia, superior a todas as que reinam no ambiente, é preciso que o indivíduo tenha o que se chama de **idealismo**, que vem a significar acentuado gosto para o bem e para o belo, tendência para o absoluto, capacidade de sacrificar coisas inferiores e sensíveis por coisas mais altas. Naturalmente todas as virtudes são necessárias, mas estas são as que mais de perto predisõem para a aceitação do ideal de doação. Sobre as virtudes naturais vai ser construído o edifício das virtudes **sobrenaturais**, quais sejam: espírito de **piedade** desdobrado em grande respeito diante de Deus, entusiástico amor a Cristo e à sua obra, à Igreja, amor à graça santificante, horror e mesmo ódio ao pecado, oração, freqüência dos sacramentos, meditação, justa apreciação dos valores deste mundo, isto é, um relativo desprezo pelos bens passageiros, e uma acentuada preferência pelas coisas que duram para sempre.

E enfim, sobre o edifício de piedade sólida, se construa a torre forte do **apostolado** ativo e todo dirigido para Cristo.

Por outras palavras, para que surja na vontade do indivíduo a resolução sincera de abraçar os bens expostos sobre o sacerdócio ou a vida religiosa, é preciso que haja no jovem o espírito sacerdotal, e na jovem o espírito de religiosa, antes de se resolverem. Só então haverá autêntica vocação.

O trabalho vocacional, portanto, será o de elevar as qualidades acima assinaladas ao mais alto ápice, para a essa altura poder oferecer com eficiência os bens da vocação. A graça de Deus não faltará então para completar o trabalho, sem o qual, porém, estar-se-ia exigindo dela verdadeiro milagre.

Imagino, de modo concreto, a vocação sob a seguinte forma: de um lado, uma pirâmide altíssima, que é o sacerdócio ou a vida religiosa, com todos os seus bens e exigências, de outro, outra pirâmide em desenvolvimento, é o indivíduo espiritual, com as qualidades requeridas para abraçar o sacerdócio ou a vida religiosa, tendo por coroa o conhecimento e estima pelos bens da vocação. Quando então a pirâmide-indivíduo chega à altura da pirâmide-sacerdócio (vida religiosa) aproximada por uma informação exata e entusiasta, então salta a falsca de uma ponta a outra, e está presente uma vocação autêntica. Às vezes, pode acontecer que a pirâmide-indivíduo não atinja a altura conveniente; outras vezes, ela está na altura exata, mas não há aproximação pela informação; ou ainda, a graça de Deus, por desígnios especiais vem a faltar, o que será bastante raro. Em todos estes casos, não haverá vocação.

Em relação à vocação **infantil**, o trabalho é aparentemente mais fácil, pois basta uma informação entusiástica para, em muitos casos, surgir a vontade de se fazer sacerdote ou entrar na vida religiosa, pois a abertura para as coisas do alto ainda é considerável e, sobretudo, não se impõe a série de outros bens inferiores que costumam impressionar fortemente os jovens. Com os pequenos, a formação das virtudes e da religiosidade e apostolicidade se deve fazer depois o que, porém, nem sempre é conseguido e, daí, as desistências do Seminário, dos postulantes etc.

A formação do **jovem** para a vocação exige uma longa preparação, sistemática, contínua e bem dirigida, e não existe lugar nenhum mais favorável para isso do que a escola secundária católica, onde os jovens e as moças estão aos nossos cuidados por muitos anos seguidos, e onde podemos criar um ambiente favorável à vocação.

Método específico para o cultivo de vocações em escolas secundárias

"Divide et impera". Para trabalhar com eficiência é conveniente dividir o campo de ação em círculos concêntricos.

- 1.º — Ambiente natural do colégio;
- 2.º — Ambiente **geral** de espiritualidade e de vocação;
- 3.º — Ambiente **restrito** para formação de piedade e apostolado;
- 4.º — Ambiente vocacional mais estrito;
- 5.º — Preparação imediata para o Seminário ou noviciado.

Esses círculos são harmônicamente entrosados, assim que o inferior

sempre fornece elementos para o superior, e é a sua base natural. Esta divisão nos dá uma visão mais clara de como deveremos agir para não trabalharmos unilateralmente, dedicando-nos a um setor e esquecendo inadvertidamente outros.

1.º Círculo: ambiente natural do colégio

A primeira condição para que haja um ambiente sadio, é que se faça rigorosa seleção dos alunos antes de sua entrada, e mesmo, enquanto possível, durante o ano. Uma escola católica não é uma casa de correção, nem um hotel onde vai parar quem queira, só porque paga. A desvantagem da contaminação não compensa uma eventual conversão de tais indivíduos que, mesmo antes de se converterem, já terão arrastado porventura após si muitos outros. Um colégio isento desses elementos perniciosos ganha em fama, em disciplina e, não em último lugar, em caridade para com os pobres religiosos ou religiosas, irmãos nossos, dignos de toda consideração, que, de outra forma, se deveriam expor inutilmente a intermináveis vexames.

Em segundo lugar, o colégio católico deve ser, enquanto possível, uma continuação do lar. Faça-se tudo para que os jovens amem o seu colégio, se orgulhem dele. Os Padres, Irmãos ou Irmãs sejam outros tantos pais e mães em relação a seus alunos a quem devem respeitar e amar, de modo a inspirarem confiança, liberdade de filhos, facilitando assim a livre expansão de seu íntimo. Se a vida do colégio não é agradável, quem pode sentir amor à vida religiosa, que para o aluno parece uma prolongação do mesmo colégio em que estuda? Quando a vida do colégio é humana e feliz, porque os educadores são virtuosos e vivem contentes, amam a seus alunos e sabem sacrificar-se por eles, então brota espontânea no coração do jovem esta idéia: como são bons e felizes os meus professores!... e, logo em seguida, virá outro pensamento: não poderia sê-lo eu também? O bem-estar do colégio não nasce da relaxação da disciplina, mas de sua exigência discreta e justa; não depende de excesso de recreio e festas, mas de prudente moderação nelas; depende sim da relação amigável entre mestres e alunos, do modo de dar as aulas, do modo de organizar os jogos, do modo de formar o espírito. Colégio, onde os jovens não se sentem como em sua própria casa, amados mais do que tudo, contentes com o regime total, não tem valor educativo, e para o trabalho vocacional é um pedregal (1).

O primeiro círculo, portanto, concentra o trabalho vocacional, em um colégio católico, no esforço de criar um clima natural sadio e alegre, em suma, para que seja um bom colégio também sob o ponto de vista dos alunos.

2.º Círculo: ambiente geral de espiritualidade e de vocação

A intensidade do cultivo da piedade não consiste em aumentar as devoções, mas em infundir vida às que já existem, se é que existem. Há, em verdade, numerosos colégios católicos onde os exercícios de piedade são muito

1) Pe. Bortolá, "Como fomentar vocaciones sacerdotales y religiosas en los Colegios Católicos", Bogotá, Colombia. Pro manuscrito, p. 7 ss.

raros, onde não se promove a comunhão freqüente por todos os meios que o zelo apostólico poderia sugerir, onde não se insiste sobre a leitura espiritual, onde não se fazem alocações ou fervorinhos, onde não há adoração ao Santíssimo nem livre nem organizada, onde nem mesmo há uma associação religiosa para o estímulo da piedade, onde não há retiro espiritual nem uma vez ao ano, ou, se é feito, são tais as circunstâncias que não se pode esperar dêle maiores frutos, onde enfim não há nenhuma direção espiritual, nem plano de ação apostólica, nem participação na vida litúrgica da Igreja. Conheço colégios que, em parte, são assim, ou passaram longos anos com estes fundamentais defeitos, embora **católicos**. É puro milagre se de tais educandários saia uma vocação, pois o terreno é de péssimo amanho para planta tão delicada. É indispensável que haja uma pessoa encarregada da **cura d'almas** do colégio que tenha elevado ideal e vontade firme de atingi-lo, apesar de todas as dificuldades. Além da existência dêste, cargo, é preciso que se faça, no começo do ano, um **plano geral** a ser seguido, de acordo com o Diretor ou Diretora do estabelecimento. Como se vê, o trabalho vocacional em um colégio tende a elevar todo o seu nível material e espiritual, sendo uma real vantagem para êle. De outra parte, o sinal de que um colégio anda bem é que dêle provêm continuamente vocações, pois estas são, por assim dizer, a **flor** da formação espiritual e do ambiente sadio que se espalha no colégio.

Neste mesmo 2.º círculo, começa-se, paralelamente com a acima descrita formação espiritual, a ação vocacional propriamente dita, mas de **caráter geral**, com o fim de criar ambiente. Neste sentido, se organizam semanas, tríduos ou dias vocacionais, durante os quais se desenvolvem várias atividades em prol das vocações: conferências para as diversas séries, missas com sermões e comunhão na intenção, listas para ajudar a seminaristas pobres ou de missões, composições literárias, discursos por parte de alunos e professores leigos, exposição de fotografias sobre o seminário e a vida sacerdotal e missionária, bem como as várias ordens e congregações e dioceses, etc. Para estender a influência vocacional seria ótimo organizar separadamente a semana vocacional e a missionária, unindo assim a variedade com um mesmo objetivo. Sobre tudo nas aulas de Religião e, enquanto possível, nas outras matérias, o trabalho sacerdotal e missionário, a vida religiosa, sejam sempre lembrados com referências honrosas.

Aproveitem-se as festas de aniversário ou onomástico, os jubileus, a passagem do Superior maior ou de qualquer outro religioso ou religiosa de projeção para uma conferência especial. Ponham-se à mão dos alunos revistas, estatísticas e outros impressos referentes à própria ordem ou congregação, ou ao clero em geral.

Dêste trabalho não se deve, porém, esperar fruto imediato, pois trata-se apenas de criar um **ambiente favorável** e observar as reações dos mais interessados. Esse ambiente é, no entanto, de suma importância para os que de fato já querem ou ainda vão querer seguir o ideal, porque lhes servirá de **apoio** moral, pois o jovem não gosta de se sentir isolado. Outro fruto a se esperar é a preparação de futuros pais de religiosos ou religiosas, o que certa-

mente já é um resultado importante devido à influência que esses futuros pais terão na vocação dos filhos.

3.º Círculo: criação de um ambiente espiritual mais restrito

A função da célula no organismo é uma lição que a natureza nos dá sobre o modo de trabalhar com eficiência. Não se pode ter a mesma influência sobre a massa, como sobre uma pequena parcela da mesma. É por isso que, mesmo para a formação espiritual mais intensa, é preciso criar nos colégios católicos pequenos grupos religiosos, que se conhecem sob o nome de associações religiosas, as quais também nas paróquias, não obstante o mal que às vezes delas se fala, são a vida. Há muitas associações aplicáveis ao colégio: Congregações Marianas, Filhas de Maria, Ordem Terceira etc. Neste 3.º círculo se preferem associações que comportem um número razoavelmente grande de alunos, aos quais se farão certas exigências para inscrição: comportamento melhor, bom aproveitamento escolar etc. Não é necessário que haja apenas uma única associação no colégio: se forem mais, haverá maior ocasião para desenvolver o senso de responsabilidade e de contato individual com os alunos. Essas associações, porém, devem ser vivas e exigentes. Haja trabalhos e atividades numerosas e variadas. Nelas haverá maior contato do educador com o educando; para isso, além das reuniões, se façam semanas de estudo, competições literárias, leituras, declamações, excursões, várias obras de apostolado, participação ativa na Liturgia, uso do missal, ajudar a missa etc. Procure-se alcançar dos jovens numerosos atos de generosidade, gosto pelas coisas nobres e difíceis, em suma, idealismo. As leituras indicadas para o caso são as vidas de santos, de heróis, belas ações.

Quanto à formação mais direta para a vocação, inúmeras serão as ocasiões que se apresentarão espontâneas, tanto em público quanto em particular. Durante a semana vocacional, promovida no círculo precedente, as atividades vocacionais dessas associações deverão ser mais intensas, tomando encargos e dirigindo toda a organização.

Nesses grupos é que se faz a primeira seleção dos vocacionáveis, pois, em geral, os jovens que se distinguem nas associações têm algum ideal, e os outros, aos poucos, vão se formando.

Mas o número de associados é muito grande para que se possa fazer um trabalho vocacional mais fino.

4.º Círculo: Vocacionáveis propriamente ditos.

Vocacionável não é exclusivamente o que já se pronunciou a respeito de sua vontade de seguir a carreira sacerdotal ou religiosa, mas é aquele que, pelas suas qualidades naturais e sobrenaturais, se mostra de tal forma que tudo faz prever que, com um pouco mais de progresso espiritual, apostólico e vocacional, é muito provável que ali surja uma autêntica vocação.

Este grupo não terá nenhum nome que possa revelar a sua qualidade e verdadeiro objetivo. Poderá tomar diversos aspectos externos, em conformidade com as possibilidades e oportunidades. Poderia ser um grupo literário, com o fim de estudar, por ex., grandes vidas e heróis; uma turma a estudar os Santos Padres; uma academia com o fim de ler e comentar os escritos de

Pio XII; um grupo de ação católica, um grupo de catequistas; um clube vocacional em sentido amplo, isto é, que estuda as possibilidades próprias e alheias acerca da profissão a escolher; um "praesidium" da Legião de Maria. De todos estes grupos, o mais eficiente para a finalidade colimada é, a nosso ver, o da JEC e o da Legião de Maria, que exigem maior espírito de sacrifício e têm uma espiritualidade mais forte e adaptada ao jovem (1). De qualquer forma, a organização dêsse 4.º Círculo deve proporcionar grande desenvolvimento da espiritualidade, amizade com o educador, ação apostólica intensa, ocasião para confidências religiosas, oportunidade para uma ação vocacional mais sugestiva e contínua. Uma das qualidades essenciais, dêste grupo é que só poderá tomar parte quem foi **escolhido** pelo Pe. Diretor, depois de madura reflexão, em vista da provável vocação futura.

Neste ambiente, deveremos recalcar idéias preparativas da vocação, como sejam, por ex., a vaidade das coisas dêste mundo, a insatisfação dos prazeres, os novíssimos, o amor às almas que se perdem, os perigos do mundo, as missões e o imenso número dos que ainda não crêem, a paternidade e a maternidade espiritual do sacerdote ou da religiosa, os problemas do matrimônio e seus encargos.

5.º Círculo: Preparação imediata para o Seminário ou noviciado

Num último grupo podem reunir-se os que já manifestaram vontade expressa de doação a Deus. Esses elementos deverão continuar nas outras organizações, onde poderão aprimorar as suas qualidades, mas faz-se mister uma instrução especial, maior estímulo e contato com o sacerdote ou educador amigo. Não queremos demorar-nos neste Círculo de trabalho porque já supõe a própria vocação, enquanto que todo o trabalho antes descrito tende a levar a isso.

Algumas normas para a aplicação dêste método

Como se vê claramente, êste plano exige uma execução a **longo prazo** e uma perfeita concatenação. Não se espere por isso um resultado imediato.

Sendo um plano composto de várias fases progressivas, é absolutamente necessário que haja uma pessoa determinada com o encargo de ir promovendo os seus passos, observando os resultados, procurando elementos que possam galgar os círculos subseqüentes, e tenha sobretudo o firme propósito de não perder nenhuma ocasião de avançar no terreno vocacional.

1) Na América do Norte há já uma instituição a que se deve a vocação de milhares de jovens: é o Clube vocacional. Sua finalidade é esclarecer sobre a vocação sacerdotal e religiosa a quem isso interesse. Suas reuniões são mensais ou quinzenais e versam "ex professo" acerca do assunto vocacional. A frequência a essas reuniões não significa o mínimo compromisso com a vocação. Tudo se move num terreno absolutamente objetivo de estudos e de experiência. Promovem-se discussões, leituras, visitas a Seminários e a casas religiosas. Há clubes de ambos os sexos separadamente. Não sabemos de nenhuma experiência que equivalha exatamente a essa, no Brasil. Não sei se somos pessimistas julgando que êsse sistema não daria certo entre nós, devido ao caráter tão subjetivo e apaixonado de nossa gente. Entre nós, certamente dar o nome a tal clube significa aos olhos de todos um compromisso, uma revelação de vocação, o que teria péssimas consequências para os indivíduos (Cfr. Pe. Poage, *Recrutando para Cristo*, p. 165-167).

O adolescente é o jovem decididamente não querem ser pescados, por isso, tôdas as referências à vocação, quando em conversa pessoal, sejam indiretas, a modo de sugestões veladas. Qualquer imprudência ou pressa poderia comprometer tôda a obra, a não ser em casos especiais, por ex., quando um môço ou môça já está no 4.º Círculo, isto é, dos vocacionáveis, e houver muita madureza. Mesmo assim é melhor que outra pessoa e não o encarregado faça a pergunta, para que o recrutador fique isento de suspeita.

Quando não entanto se fala a um grupo, pode-se, e mesmo de quando em vez deve-se, ser direto e claro ao falar da vocação.

Quando um recrutador não pode agir de forma completa em todos os círculos, é evidente que deverá começar com o 4.º Círculo, para não perder tempo.

O trabalho em si não é difícil, mas exige algum conhecimento, interesse, entusiasmo e continuidade.

O resultado dêsse método é certo, e já foi demonstrado em centenas de casos em colégios americanos e europeus, e, daqui a pouco, dará ótimos frutos também no Brasil.

A PARTIR DE AGOSTO:

Diurnal

latim-português

Em percalina — Formato: 16 x 11 — 1.200 páginas.

HORAS DIURNAS do Breviário beneditino. Texto católico, completo. Não é, à semelhança de outros, um livro de oração ou devocionário baseado no ano litúrgico, com adaptações e simplificações — é o **Offício INTEGRAL** (com exceção de Matinas), que milhares de monges e monjas recitam no côro dos mosteiros ou os fiéis em particular.

Congregações **NAO**-beneditinas podem adotá-lo.

A estrutura do **Diurnal** beneditino pouco difere do Romano. As **LAUDES** e **VÊSPERAS** os Hinos (com diferença mínima) e as **Orações** são os mesmos. As **Vésperas** são ditos 4 salmos. **PRIMA, TERCIA, SEXTA** e **NOA** têm a mesma estrutura do Romano, com salmos mais curtos. **COMPLETOS** com os salmos 4,90 e 133 para todos os dias da semana, sem variação.

A tradução fluente torça os Salmos próximos da nossa linguagem, conservando todavia, o ritmo que lhes é próprio. Juntamente com os Hinos são traduzidos por D. Marcos Barbosa. Com sinais de pausa em ambas as colunas, podem ser recitados em côro.

Preço aproximado, sujeito a alteração: Cr\$ 2.500,00.

Peça prospecto para melhores informações às:

EDIÇÕES "LUMEN CHRISTI"
 MOSTEIRO DE S. BENTO
 CAIXA POSTAL, 2.666
 RIO DE JANEIRO

PROJETOS E REALIZAÇÕES DA PASTORAL DE CONJUNTO (1)

Pe. Fernand Boulard

Aquilo que se chamaria, mais tarde, pastoral de conjunto começou a ser investigado desde o instante em que se tomou consciência de que a des-cristianização não era somente individual (ovelhas perdidas), mas coletiva (influências gerais que acometiam o próprio rebanho dos fiéis) (2).

I — Primeira Fase — Descoberta da ruptura entre o Mundo e a Igreja

O grito de alerta veio dos leigos, bradado por um sacerdote, Mons. Cardijn, diante do drama religioso coletivo da classe operária. O divorciamento, tanto da prática religiosa como da mentalidade cristã, tornou-se quase que automático para os jovens que entravam na fábrica. Foi então que se viu nele a evidência de que não se tratava mais de defecções individuais, mas que estava em causa uma realidade muito mais grave, um "afastamento psicológico" coletivo que ia crescendo entre a classe operária, enquanto classe, e a Igreja.

Desde então não bastava mais contentarmo-nos em formar cristãmente os indivíduos; era necessário voltar atrás, "converter" por dentro a classe operária e realizar esta conversão por aqueles mesmos que providencialmente faziam parte desta realidade coletiva: os operários. Nascera a J.O.C. e, após ela, toda uma linha original de apostolado leigo e de Ação Católica.

Logo se observou que esta "distância" entre o mundo e a Igreja não era somente o caso da classe operária, e que seu sinal sensível não era, por toda a parte e sempre, um abandono dos deveres religiosos. O mal era mais

1) Traduzimos de "Les Cahiers du Clergé Rural", n.º 235, p. 67-74.

Extraído das Atas do Congresso Internacional de Teologia Pastoral, organizado pelo Centro Internacional Católico de orientação e de coordenação pastoral, Friburgo (Suíça), 10 de outubro de 1961.

2) Limitar-me-ei propositalmente nestas páginas apenas ao presente. Como se verá mais adiante, pastoral de conjunto não é novidade senão em certo sentido. Não se trata de um contágio, na Igreja, da planificação que caracteriza a época atual. Mas já que se torna impossível abraçar o mundo em sua complexidade, a partir da paróquia e da comunidade local, forçoso é procurar os meios de uma toinada mais competente e mais sintetizada. E acha-se que esta necessidade atual põe em particular relêvo a missão do bispo e da diocese.

subtil, motivo por que as regiões bastante praticantes levaram tempo a descobri-lo. O perigo principal estava no que nós chamamos de "duplo setor" da vida. É-se cristão fiel, aos domingos, na igreja paroquial. É-se materialista, inconsciente ou mesmo consciente, a semana inteira, naquilo que se chama simplesmente "a vida" (e esta restrição de sentido dada à palavra "vida" já é reveladora). É que o critério da moralidade não é mais um absoluto. É "aquilo que todos fazem". Exatamente neste ponto se apresenta um dos aspectos **coletivos** da descristianização e o dever correlativo dum esforço específico para colocar "todo o Evangelho na vida toda".

Dentro em pouco, os pastores, por sua vez, inquietaram-se: seu ministério, o mais consciencioso, o mais devotado, ficava sem influência real sobre este estado de coisas. O ministério pastoral "incidia" sobre os atos do culto, mas não "incidia" mais sobre a vida.

Do ponto de vista humano, no nível do trabalho sacerdotal — dizia há quase quinze anos Sua Excia. Dom Garrone, Arcebispo de Toulouse — a situação pode-se caracterizar do seguinte modo: cada vez mais a **vida** (no sentido mais comum da palavra: representação, sentido moral, costumes etc.) e a **religião** vão se afastando uma da outra... Parece tratar-se menos de uma má vontade dos "**homens**" que de um movimento das "**coisas**" propriamente ditas... Pode daí advir para a alma do padre um sentimento surdo de **impotência** completa, até uma tentação vaga de desânimo..."(3).

Esta constatação não vale só para uma França minada por oitenta anos de laicismo. Do Canadá francês e da própria província de Quebec, tão praticante, chega-nos o mesmo eco:

"A Igreja pode estar presente canonicamente, sem o estar psicológica e sociologicamente. Descobrimos assim que algumas paróquias da diocese havia, em sua própria instituição, que se encontravam ausentes duma grande parte da população: as associações paroquiais apenas agrupavam antigos residentes do lugar, enquanto que as organizações sociais faziam seu recrutamento quase totalmente entre os novos moradores. Enquanto que as primeiras se reuniam no porão da igreja, as outras já tinham adquirido uma casa cujas partes repartiam entre si.

A região de turismo põe a descoberto um mundo que se construiu à margem da Igreja. Esbarra atualmente esta zona com a dificuldade de integrar a nova categoria de habitantes constituída pelos veranistas. Poder-se-iam multiplicar os exemplos... (4).

O Padre Matte acrescenta: "A recuperação dos negligentes pode sempre ser feita por uma pastoral ordinária melhor ajustada. É assim que vemos vigários reconstruírem espiritualmente uma paróquia, pregando quase que exclusivamente sobre a comunhão, ou "prestando simplesmente mais serviço" (5).

Ajuto que, de certo, se podem obter progressos evidentes em quali-

3) Semana católica de Toulouse, 7 de setembro de 1947.

4) Abbé Maurice Matte, *Essai d'une pastoral d'ensemble*, p. 8.

5) *Ibid.*, p. 16.

dade. Na França, trinta anos de Ação Católica e de renovação bíblica, litúrgica, catequética, missionária, trouxeram seus frutos: participação ativa na liturgia, equipes de espiritualidade conjugal, catecumenato dos adultos confiado em grande parte a leigos, muitas vezes em família, recrutamento cristão (com vontade de servir o Evangelho), na vida temporal etc... aí estão para o testemunhar.

E, apesar de tudo, devia ter observado há pouco: "O cristianismo está progredindo em nossas igrejas e entre os praticantes; mas está retrocedendo na vida social" (6). É o mesmo que dizer: o imenso capital de ação cristã que o ministério pastoral habitual representa, fica sem influência visível num mundo que se furta cada vez mais ao Evangelho. Pensemos, contudo, no poder considerável de difusão da mensagem cristã que, em especial nos países da Europa e da América do Norte, com o número de seus padres, representam as pregações, a catequese, as confissões, as visitas às famílias, as equipes de apostolado e de piedade... sem esquecer todo o esforço multiforme das Congregações religiosas.

As pesquisas de sociologia religiosa (ainda que baseadas no domínio limitado da sociografia) vieram eventualmente acentuar esta dolorosa tomada de consciência, pondo com clara frieza — para além do desconhecimento que guiava inconscientemente as esperanças pastorais sempre frustradas — o inegável peso dos condicionamentos coletivos.

Não se tratava de paróquias que eram boas ou más, mas de **regiões inteiras** com dez a vinte dioceses pegadas umas às outras: os mapas religiosos traçados com uma precisão crescente, de ora em diante, não consentem mais ilusões.

Tratava-se de meios sociais concretos (não somente de indivíduos) e de grupos de idade significativos que eram atingidos coletivamente.

E as pesquisas históricas (feitas sobretudo nos relatórios de visitas pastorais dos séculos passados) nos revelavam perturbadoras continuidades coletivas no comportamento religioso (prática religiosa, especialmente a mentalidade) das regiões ou dos meios sociais; e estas continuidades persistentes tornavam ilusória a esperança de uma conversão duradoura pela ação de um pastor isolado e que passa.

Mas esta clara frieza trazia ao mesmo tempo certa resposta às inquietações, pois começava a revelar as características — e já então as causas prováveis — do estado de coisas ao qual até aí se assistia impotente.

Onde quer que as pesquisas foram prosseguidas com humildade e continuidade, acabaram elas — o resultado está diante de nossos olhos — por realizar uma renovação considerável da visão pastoral costumeira. Nestas regiões o clero ficou convencido de:

— que a paróquia **isolada em sua ação** é incapaz de penetrar cristãmente o meio ambiente, que ela o é mesmo, para uma grande parte, de mudar os costumes da coletividade praticante;

6) Em *Pastorale, oeuvre commune*, Congresso nacional, Versões, 1956, p. 24.

— que uma **pastoral "standard"**, que ignore a conjuntura social, não adianta muito, especialmente nos meios sociais mais originais e mais vigorosos;

— que a unidade tática de tempo no apostolado é a geração e que é necessário, portanto, assegurar a continuidade de orientação e de ação necessária para as equipes que se estão renovando.

Destas rudes verificações — coisa paradoxal — começava a renascer a esperança. Eis porque ao "sentimento surdo de impotência radical", de que falara Mons. Garrone, sucedia o sentimento de que alguma coisa se podia fazer, contanto que se modificassem as dimensões estreitas de uma pastoral antiquada em suas formas contingentes. (7).

Uma diretriz pontifícia veio, pouco depois, dar mais alta consagração a estas aspirações ainda tímidas. Foi em 1957, na Encíclica "Le pèlerinage de Lourdes", quando Pio XII escreveu: "A conversão individual... não pode mais bastar... Nós vos exortamos, queridos Filhos e Veneráveis Irmãos, a suscitar nos fiéis confiados a vossos cuidados, **um esforço coletivo de renovação cristã da sociedade**" (8).

Já na ação, um esforço paciente e espontâneo de pastoral comum tinha sido envidado no âmbito dos vicariatos forâneos (arciprestados, decanatos). Compenetrando-se das possibilidades desse degrau canônico para a reflexão e a ação pastoral, equipes generosas de sacerdotes procuravam transformar o estilo de suas reuniões periódicas.

Assim se forjava um instrumento insubstituível, a equipe de sacerdotes do ministério paroquial, que ficará na base da construção futura. Mas forçoso foi compreender desde logo que os vicariatos forâneos ficavam no plano de "pastoral paroquial" renovada em sua inspiração, mas que não chegavam a atingir o nível do que se poderia chamar a "pastoral social", a vida que, salvo raríssimas exceções, ficava fora do alcance e até das preocupações deles.

Foi então que se descobriu a viabilidade desta unidade humana, grande como quatro ou cinco decanatos de nossos velhos países católicos da Europa, a pequena região natural de criação ou de viticultura, a bacia mineira ou industrial, a aglomeração urbana, esta unidade que se chamou de "zona humana". Tratava-se da mais elementar unidade social na vida dos homens.

As influências coletivas que assinalam a humanidade se fundiam aí em complexos sociais específicos, tendo muitas vezes sua própria organização social, sempre a sua "cultura" humana (seu modo de conceber a vida) particular. Neste ponto era, pois, necessário intervir para atingir, em sua rea-

7) Eis porque esta pesquisa simples de tipo sociológico é sistematicamente procurada. Verificou-se ser ela um meio eficaz para despertar o clero, todo o clero de uma diocese ou de uma região, para uma visão pastoral mais exata. Ora, este despertar preliminar é necessário, se não se quer que as melhores reformas pastorais se tornem caducas. Deve-se notar que se esta pesquisa sociológica se reduz à sua forma elementar, principalmente sociográfica, não é que pesquisas mais amplas não sejam necessárias para a pastoral — dir-nos-á Pe. Houtart — mas, porque ela é suficiente para despertar no clero o desejo duma pastoral mais coletiva e, quando o objetivo é arrastar todos os padres de uma diocese, basta contentar-se com um nível simples.

8) Encíclica "Le pèlerinage de Lourdes", de 2 de julho de 1957 (A. A. S., 1957, p. 615).

lidade concreta, os fatos sociais e não permanecer mais na esfera serena dos princípios (9). A zona humana que, por ato episcopal, se tornou zona pastoral ou apostólica, vinha a ser a unidade de intervenção da Igreja na vida social.

Mas para agir com verdade sobre os fatos sociais concretos dumá zona humana (idéias normativas correntes sobre o divórcio ou sobre as relações entre capital e trabalho) e sobre suas categorias sociais especializadas (alunos do ensino técnico, mineiros), viu-se logo que era necessária a convergência de todas as forças da Igreja.

Esta convergência era, aliás, não menos necessária do ponto de vista do homem-indivíduo, que é um, e que requer uma ação planejada, se não se quiser arrastá-lo em todos os sentidos ou mutilá-lo.

Mas esta convergência deve operar-se no respeito **absoluto** pelo que há de específico em cada classe — clero, estado religioso, laicato — e em cada instituição: paróquia, escola, associações apostólicas... Uma convergência, livremente querida, refletida, proveniente dumá convicção interior — e não á uniformização (que seria um trágico empobrecimento) pelo caminho da ditadura.

"Principes gentium dominantur eorum... Non ita erit inter vos, sed quicumque voluerit inter vos major fieri, sit vester minister (Mt 20, 25).

Uma tal convergência, sobretudo, livre e esclarecida, não se opera sozinho. É preciso um chefe. E este chefe, logo se nos evidenciou, outro não podia ser senão o bispo, cuja missão própria é a de construir a unidade da Igreja.

Por uma espécie de poligénese (tudo isso que anda "no ar", em grande parte por causa da renovação de eclesiologia e de toda uma corrente espiritual que punha mais a descoberto o aspecto colegial do sacerdócio), eram feitas estas descobertas ao mesmo tempo e paralelamente com as Missões no interior, magnificamente renovadas graças à tenacidade do Centro pastoral das Missões no interior (C.P.M.I.), e pelo que ia tornar-se a "Pastoral diocesana de conjunto".

Nascera a Pastoral de conjunto. Mas como ela não teve ata nenhuma de nascimento, não sei quem lhe deu este nome nem mesmo se tal nome é feliz. Talvez se trate de um pleonismo. Oh, queira Deus que o fôsse!

II — Segunda Fase — Descoberta de vida interior na Pastoral de Conjunto

Revelar a sacerdotes generosos todo o peso da conjuntura social é arriscar a levá-los a duas atitudes errôneas:

— ou a meterem-se completamente eles próprios na tarefa, por falta de militantes leigos preparados, e fazerem assim um trabalho social que não lhes diz respeito e que impede quase que automaticamente o recrutamento de militantes, pois estes padres tomariam o lugar deles;

9) Na maioria dos casos pode-se observar as correntes coletivas de uma diocese, mas, não alcançá-las em sua concreta realização.

— ou então contentarem-se com pôr em movimento uma "organização" apostólica: cursos de ensino de religião, novas obras, responsáveis especializados (sobre os quais, tão facilmente, tudo se descarrega).

O que nos falta não são as organizações apostólicas, mas sim a "água viva" no seio destas organizações.

Não basta apresentar uma organização racional (desconfio um pouco dos quadros sinóticos e dos organogramas muito perfeitos) depois de, uma vez que se trata de um trabalho sobrenatural, pedir aos organizadores que vivam em estado de graça.

E' necessário que a própria ação apostólica esteja ao serviço da mensagem de Cristo e que — direta ou indiretamente, mas como uma finalidade em vista bem real — seja portadora da caridade de Cristo, da visão evangélica, reflexões que revelam uma atitude habitual ou generalizada neste meio.

Para os padres, o instrumento privilegiado desta descoberta foi a "comissão pastoral". Trata-se, no plano duma zona, de 8 a 10 padres voluntários, delegados de vários vicariatos forâneos, e que se dão ao trabalho de estudar um dos fatos sociais mais importantes desta zona. Depois de bastantes tentativas, no que se refere à pastoral **permanente** (a preparação de uma missão exige comumente comissões de tipo diferente), estas comissões encontraram seu cominho.

Elas se tornaram como que uma espécie de "radar" dirigido permanentemente sobre um aspecto determinado da vida social dos homens da região: o papel da comissão não é o de organizar tudo, mas o de levar cada membro, vigário ou cooperador, a observar com simpatia o meio que toma em nome da comissão, ouvindo os paroquianos que aí vivem ou os militantes competentes que aí trabalham, anotando no decorrer dos dias os fatos e as reflexões que revelam uma atitude habitual ou generalizada neste meio.

Na reunião da comissão, os padres apresentam tôdas estas observações em comum, propõem-se discernir, entre aquilo que tôda a gente faz e admite, o que é preciso cultivar, o que é pecado e que tem de ser esclarecido e endireitado.

Devo notar aqui que êste trabalho se apresenta **muito difícil** para o conjunto dos padres, e que aos que o dirigem é necessária muita e doce tenacidade, para que nêle perseverem. Uma das causas — ao lado de um ativismo, marca de nossa época, e de uma falta de fé no invisível que é de todos os tempos — poderia estar numa lacuna de nosso ensino pastoral, ao qual falta o dar um conhecimento íntimo do homem "em forma" (êste sentido do homem em que resplandece todo o Evangelho), de ensinar uma **antropologia cristã**.

Desta longa observação da Comissão se desincumbe então a ação especificamente sacerdotal:

a) Em função do meio melhor conhecido, como orientar mais adequadamente a pastoral litúrgica e sacramental, as confissões ou o processo canônico para o casamento, a evangelização e a catequese, a visita às famílias...,

enfim, toda a "pastoral paroquial" (que reclama nesse caso toda a magnífica renovação e pastorais catequética, litúrgica, familiar, que aí encontram seu melhor ponto de inserção);

b) Nestes contatos mais relacionados com a vida, descobrir os possíveis militantes leigos, despertá-los para sua responsabilidade de cristãos, orientá-los para o movimento de apostolado que os possa manter;

c) Debruçar-se sobre si mesmo e perguntar-se se, em sua própria atitude, o sacerdote não participa do pecado que ele descobre entre os outros (materialização pela técnica ou progresso, falta do sentido da Igreja, falta de oração e de renúncia...).

Os movimentos de Ação Católica (e talvez outros movimentos de apostolado leigo) já tinham entrado, antes do sacerdote, nesta via da "revisão da vida", isto é, da revisão em conjunto das atitudes coletivas do meio ou das atitudes da vida pessoal de cada um, à luz exigente do Evangelho.

Não se realiza a obra de Cristo, com organizações por mais perfeitas que sejam, se interiormente elas não possuírem a vida de Cristo.

(Continuará no próximo número)

ANUÁRIO DOS RELIGIOSOS DO BRASIL — 1958

- Em dois volumes, com 1.200 páginas.
- Excelente apresentação gráfica. Impresso no Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Relação completa de todas as obras que os religiosos e as religiosas mantêm no Brasil.
- Relação nominal dos Sacerdotes religiosos e dos Irmãos das Congregações não clericais, com indicação da data de nascimento, ordenação ou profissão, nacionalidade, província religiosa.
- Relação das cidades do Brasil, com indicação da população, Estado e Diocese em que se encontram, e especificação detalhada das casas religiosas existentes.
- Como encartes, no 2.º volume se encontram os Sumários gerais e o Mapa Eclesiástico do Brasil.

A venda na

Conferência dos Religiosos do Brasil - Rio

Cr\$: Cr\$ 920,00

O MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO APRESENTADO AOS SACERDOTES (1)

Pe. Frei Lucas Moreira Neves O.P.
Vice-Assistente Nacional do MFC

I — UM POUCO DE HISTÓRIA

"ACREDITO que o renascimento familiar será um dos fenômenos dominantes da segunda metade do século XX", escreve Jacques Leclercq em artigo recente. Nesta frase de espantar, o escritor famoso refere-se a um renascimento em geral, insistindo mais, quem sabe, no aspecto profano — político, sociológico, demográfico — do acontecimento. Trazida para a esfera religiosa, esta afirmação ganha um significado maior ainda talvez: na História da Igreja, quando um dia se fizer a análise das correntes de idéias de nosso tempo, com certeza o século XX aparecerá, entre outras coisas, como o século da **revalorização efetiva do matrimônio cristão**. Não que o matrimônio-sacramento tenha adquirido com o tempo riquezas novas e novas graças, um valor teológico que não possuía, decerto que não. Desde que Cristo o fez sacramento, desde então ele esteve na posse de todos os seus valores fundamentais. Pode-se porém dizer que, durante séculos, a atenção dos fiéis se fixou pouco nestes valores, pouco procurou investigá-los para melhor colocá-los em ação. Chegou-se assim a um tempo (e isso foi sem dúvida uma involução), em que, de modo geral, o casamento ficou sendo encarado quase que exclusivamente sob seu aspecto bio-fisiológico: funções sexuais no casamento, finalidade procriadora, o cuidado do corpo.

Com o surto, tímido primeiro, depois cada vez mais acelerado, das "ciências da alma", veio à tona a consideração do psicológico no casamento: dimensões, até então pouco focalizadas nêle, passaram para o primeiro plano. Houve um enriquecimento da primitiva concepção por uma tomada de consciência de algo que estava latente nela. Com o passar dos anos, nova consideração ocupou o espírito: a da significação social do matrimônio. Este dom dos corpos e dos espíritos ao mesmo tempo, não é para benefício exclusivo do casal que ele se consuma — mas em benefício da sociedade que, nas-

1) Estas páginas formam o capítulo de introdução de uma brochura que está no prelo: "Sacerdotes a serviço da Família". Escrita pelo Vice Assistente Nacional do Movimento Familiar Cristão, o livro se destina a ser o manual prático dos sacerdotes que venham a emprestar seu concurso ao M. F. C. como assistentes. Nossos leitores têm, pois, aqui as primeiras do livro a aparecer em meados de julho (N. d. R.).

cida do casamento, do casamento e da vida familiar depende para durar e para ter todo o seu sentido de "família de famílias". Parecia estar completa à visão do casamento; e estava, a rigor, no âmbito natural. Faltava, porém, uma dimensão e justamente coube ao século XX, ainda em seu início, redescobri-la: a dimensão religiosa, e, por que não dizê-lo redondamente, a dimensão mística do matrimônio. Fácil de enunciar, fácil de revelar em sua intuição básica, era difícil de explicitar e mais difícil ainda de difundir e de incutir esta força interior, essencial ao casamento. Ia ser obra de muitos homens e de muitos anos. Pois bem, em torno dêste valor divino do sacramento, em face da necessidade de difundí-lo, uma vez melhor conhecido, surgiram no mundo como uma novidade, senão em sua existência pois sempre existiram, ao menos em seu número e na intensidade de sua atuação, os **movimentos familiares**.

Na dinâmica dêste renascimento familiar, tem função de semente por ser o primeiro, o movimento que Jean Viollet faz surgir na França, ao terminar a I Grande Guerra, por volta de 1920. Estava no ar, por êsse tempo, a primeira idéia da necessidade de uma participação leiga na missão apostólica da Igreja. Dois anos mais e, eleito Papa, Pio XI daria corpo a esta idéia com a criação da Ação Católica. É curioso observar que, graças à **Association du Mariage Chrétien**, criação do Cônego Viollet, é no campo da família que se vai encontrar um dos primeiros, e acaso o mais vivido e ativo, entre os sinais precursores da Ação Católica oficial. Não podemos deixar de notar, igualmente, que, ao lado da preocupação com as riquezas de Graça que se vão explicitando no casamento e na vida matrimonial, está presente, desde a primeira hora, uma outra preocupação: a de não deixar limitada a um círculo acanhado de casais a descoberta destas riquezas, mas disseminá-la, espaiá-la por sobre um número cada vez maior de casais. Para que êles recebam o mesmo benefício.

Outros novos movimentos familiares surgem. Enquanto isso, o que é igualmente importante, movimentos já existentes mas pequeninos e insignificantes, recebem o impacto da AMC: organizam-se melhor, agrupam-se, tomam consciência mais clara de si mesmos e da missão que têm. Em breve, da França êstes movimentos ganham outros países. Aparecem revistas, criam-se grupos de estudos e de ação. Por sua significação extraordinária na Igreja e pelo alcance que encontrou desde logo sua atuação, gostaríamos de citar entre outros movimentos familiares, sem contudo menosprezar os outros, as **Equipes de Nossa Senhora** e o **Christian Family Movement**. As primeiras surgem na França, no término da 2.ª Grande Guerra. Está nas suas origens, ao lado de certo número de casais, naturalmente, o padre Henri Caffarel. Desde o primeiro momento, as Equipes se constituem num fecundíssimo laboratório de espiritualidade conjugal. Num momento em que a simples expressão de **espiritualidade do casamento** era insólita, em que as linhas-mestras dessa espiritualidade estavam muito mais imprecisas ainda do que hoje, a missão histórica das Equipes de Nossa Senhora na Igreja parece ter sido particularmente esta, de desvendar aos cristãos casados o ideal da santidade e o caminho especial que, pelo casamento, Deus lhes tra-

ga. Tal espiritualidade não fica, porém, no interior das Equipes: a revista **L'Anneau D'Or**, hoje quase em seu centésimo número, torna-se, desde o início das Equipes, um canal de comunicação pelo qual as riquezas de espiritualidade conjugal vão sendo carreadas e largamente difundidas. Rápidamente as ENS se disseminaram pelo mundo todo, afirmando-se como um dos mais expressivos movimentos familiares dentro da Igreja. Nos Estados Unidos vamos encontrar o outro movimento, semelhante às ENS em sua finalidade geral, bem diverso em sua estrutura e em seus objetivos imediatos. O **Christian Family Movement** apareceu em 1947 em Chicago. Seu escopo principal, desde o primeiro momento foi claramente apostólico: marido e mulher, juntos, e em comunhão com outros casais, trabalharem em sua própria formação cristã e na revitalização da vida cristã de suas paróquias. O CFM encontrou sem tardar um excelente instrumento de seu apostolado familiar numa outra organização, também americana e anterior a ele: o **Cana Movement**. Trata-se de um amplo movimento de formação matrimonial, por meio de estudos e debates, mas, muito mais expressivamente quicá, movimento de preparação para o casamento. O CFM começa de certa maneira onde termina o Cana Movement: os noivos e esposos despertados e inquietos pelas conferências, reflexões, debates do Cana, vêm encontrar nas Equipes de formação e de ação do CFM um seguimento à sua determinação de "fazer alguma coisa". Alguma coisa pela família.

É no Uruguai, em 1949-50, que vai surgir um terceiro importante movimento familiar, o **Movimento Familiar Cristão**. Dêle nos ocuparemos mais amplamente. O ponto de partida foi um retiro que um missionário passionista, o Padre Pedro Richards, pregou em Buenos Aires a um grupo de senhoras. O tema era: **a crise de nossos lares**. Quando, ao fim do retiro, angustiadas pelo problema, as retirantes quiseram fazer alguma coisa de concreto e pediram ao pregador que lhes apontasse o caminho, a primeira providência que a tôdas pareceu indispensável tomar foi despertar os maridos também para aquelas questões. Pela primeira vez então organizou-se um retiro para casais: de manhã as espôsas, de tarde os esposos, à noite juntos, os dois vinham ouvir e debater temas relativos exclusivamente à sua vida matrimonial e a seus problemas familiares. Estes retirantes acabariam por formar, reunindo-se periodicamente em tórno do padre, o primeiro grupo do MFC.

As grandes intuições que haviam gerado os outros movimentos familiares, refletidas e assimiladas pelo padre e pelos casais, inseridas com lucidez e realismo dentro do quadro particularíssimo que é a América Latina, iam fornecer a estrutura íntima do novo movimento: das ENS o MFC ia receber a idéia, nelas absolutamente vital, de uma espiritualidade matrimonial a desenvolver e incutir nas famílias — da AMC o Movimento extrairia o pensamento do dinamismo apostólico de que uma família é capaz, uma vez possuída por uma forte mística, uma espiritualidade adequada — do CFM e do CANA americanos ele ia recolher a noção de que é inútil cuidar de famílias já constituídas ou em crise, se não se trata de preparar as famílias de ama-

nhã para que sejam menos freqüentes e menos fatais as crises.

Aparecendo num momento em que, passados os embates iniciais, se encontram em plena vitalidade os três grandes movimentos característicos da renovação cristã de nossos dias — os movimentos litúrgico, bíblico e catequético-missionário — o MFC não podia deixar de incorporar, dentro de sua linha visceralmente familiar, as idéias-fôrças daqueles movimentos. Tudo nêle será voluntariamente marcado pelas três idéias: um conhecimento melhor e um melhor aproveitamento do culto oficial da Igreja; uma impregnação bíblica e sobretudo evangélica na formação e atuação das equipes; e a determinação de fazer de cada grupo matrimonial ao mesmo tempo um lugar onde os casais poderão aprofundar-se no conhecimento vivo da doutrina de vida que é o cristianismo, e um meio de difusão apostólica dessa doutrina. Surgindo num vasto território sem sacerdotes, o MFC não podia deixar de acrescentar a essas uma nova preocupação: a de não sobrecarregar ainda mais um clero pouco numeroso e já assoberbado, mas ao contrário utilizar os leigos e, mais precisamente, os casais, aparelhando-os para que eles com sua colaboração estendam e multipliquem a ação sacerdotal. Isto, exigindo um mínimo de ação formadora do padre.

Presente na Igreja, a serviço da Igreja na hora atual, isto é o MFC. Poderemos conhecê-lo melhor, na medida em que aprofundarmos um pouco mais os vários elementos que o integram.

II — SEUS OBJETIVOS

O que até agora vimos do MFC, em suas origens e nas linhas-de-fôrça que o caracterizam, permite-nos situar sua finalidade essencial e definidora: **restaurar a Família em Cristo**. Nesta única finalidade, porém, fundem-se dois objetivos que dificilmente conseguiríamos hierarquizar entre eles de tal maneira interdependem, de tal maneira são ambos importantes, do mesmo modo que Cristo dizia dos dois mandamentos do amor a Deus e amor ao próximo que "o segundo é semelhante ao primeiro". Estes dois objetivos são: **espiritualidade matrimonial e apostolado familiar**. O MFC não existe senão com os dois; a supressão ou simplesmente a diminuição de um dos dois importaria na mutilação de todo o Movimento.

A — A Espiritualidade

Poucas tarefas, na Igreja, se comparam em valor e urgência com esta: revelar aos cristãos casados sua espiritualidade. Um número tristemente elevado de casamentos cristãos resulta num fracasso — nem falo dos fracassos retumbantes que dão em separação e vão para os autos do Juizado e as folhas dos jornais, falo dos fracassos quase imperceptíveis de vidas matrimoniais sem significação, mornas e improdutivas — por que? Porque não trazem em si uma espiritualidade. É muitíssimo freqüente que a nós, padres, nos venham procurar, alguns meses depois de casados, um rapaz ou uma moça para nos dizer: "Padre, antigamente eu rezava melhor, comungava mais, tinha mais desejo de perfeição em minha vida. Com o casamento pio-

rei. Não sei como fazer e tenho medo". A verdade é que a esmagadora maioria dos casais desconhece em seu casamento um caminho de espiritualidade, enquanto nós, sacerdotes ou religiosos, temos em nossa vida e em nosso estado próprio uma espiritualidade bem definida. É pois de toda urgência ajudar os casais a descobrir e viver na vida conjugal uma profunda espiritualidade. Ora, essa espiritualidade como será?

1. **Uma espiritualidade leiga** — Rigorosamente falando, existe na Igreja uma só e única espiritualidade: a espiritualidade cristã, quer dizer a busca de uma união cada vez mais perfeita, de uma verdadeira identificação com Cristo pela imitação de sua vida, pela adesão a suas intenções, pela vivência de sua graça. Segundo seu estado de vida, porém, e mais, segundo as condições concretas de sua existência, cada homem seguirá Cristo e o imitará de modo especial. Por isso mesmo poderemos falar de diferentes espiritualidades. Duas formas de espiritualidade vicejam de modo particular na Igreja desde seus primórdios, aprofundadas ambas através dos séculos, explicitadas em todos os seus pontos importantes, aprimoradas, aperfeiçoadas. Uma é a **espiritualidade monástica**: a maneira que os monges de todos os tempos (e sob esta designação de monges entendemos aqui todas as pessoas consagradas a Deus na vida religiosa) têm de seguir a Cristo. Séculos e séculos de vida religiosa revelaram as grandes linhas desta espiritualidade: o **abandono** do mundo para o só-a-só com o Senhor, a **consagração** de si mesmo a Deus pelos votos da vida religiosa e, conseqüentemente, a ruptura com tudo o que é profano, a vida de oração, na **contemplação** das coisas de Deus. Qualquer jovem noviço ou noviça às portas de seu convento recebe as noções gerais desta espiritualidade. Ao lado desta, a **espiritualidade sacerdotal**. É, desta vez, o caminho pelo qual o sacerdote viverá a imitação de Cristo e chegará a Deus. As linhas básicas desta espiritualidade, creio que as podemos resumir assim: **presença** no mundo mas para trabalhar na sua salvação segundo as grandes tarefas sacerdotais do pastoreio, da doutrina e pregação da Palavra, e da santificação pela administração dos sacramentos; **dedicação** de si mesmo às almas pela caridade fraterna que se exprimirá ainda aqui no zelo apostólico; **ação missionária** que decorra de uma vida de oração e conduza de novo à oração. Diferente, em certo sentido, da espiritualidade monástica, a sacerdotal é feita a um tempo de estar no mundo sem ser do mundo, de vida de oração mas oração apostólica.

Deve haver, porém, um terceiro tipo de espiritualidade. A daqueles que não foram chamados ao sacerdócio nem ao claustro. Daquelles cuja vocação (pois é preciso, antes de mais nada, que também nisto se veja uma vocação) é ficar no mundo e desempenhar aí um papel. É exatamente o que chamamos aqui a **espiritualidade leiga**. Esta forma de espiritualidade parece não ter tido a mesma boa sorte das outras. Talvez porque durante séculos a teologia do laicado não foi suficientemente elaborada, talvez porque até ao advento da Ação Católica e durante séculos, não se havia atribuído ao leigo seu eminente papel na Igreja, por tudo isto a espiritualidade própria do leigo encontrou-se pouco sistematizada e até pouco entendida. Não admira que multidões de

leigos, por todo este tempo, se tenham abeberado, em questão de espiritualidade, naquelas outras formas a que aludimos linhas acima: leigos com nostalgia de uma espiritualidade tipicamente monástica ou se contorcendo para fazer caber em sua vida de leigos uma espiritualidade sacerdotal em miniatura. A recente redescoberta da "teologia do laicado" abriu as portas para um estudo mais aprofundado da "espiritualidade do leigo". E quais seriam as bases essenciais desta espiritualidade? Confrontando-a com os outros tipos de espiritualidade, creio que podemos apontar estes aspectos:

Será uma espiritualidade não de abandono do mundo, nem de mera presença no mundo — mas de **inserção no mundo**. Inserção que significará; não digo uma cumplicidade total com tudo quanto fôr no mundo, mas uma aceitação do mundo, um grande amor e uma imensa piedade para com êle — uma **encarnação** (é esta a palavra, carregada de significação) **no mundo**. É vivendo no mundo — e diria mais: vivendo o mundo, suas angústias, suas aspirações, seus caminhos, suas inquietações, tudo, "excepto peccato" — é trazendo o mundo em si e consigo que o leigo terá de realizar sua "sequela Christi" e sua caminhada em busca de Deus, sua ascensão à perfeição do evangelho. São Paulo, em trechos fundamentais de suas cartas, é sem dúvida o grande doutor desta espiritualidade de encarnação.

Será uma espiritualidade não de consagração de si mesmo pelos votos, com tudo quanto êles implicam de incompatibilização com as coisas profanas, mas de "consecratio mundi", isto é, de doação de si mesmo às tarefas temporais, na medida plena em que elas são marca da ação de Deus neste mundo, estrada (embora tortuosa e acidentada) para Deus; início da construção, aqui na terra, do Reino dos céus. Isto implica, da parte do leigo, um compromisso tomado, um **engajamento** (passe o galicismo!) assumido com o mundo. Tôda a moderna literatura mística — Lebrecht, Voillaume, Suavet, Garrone, Rahner, Guardini, Lombardi, Sheen, Doherty — apontam os difíceis caminhos desta **espiritualidade de engajamento**. Parece não haver dúvidas de que o Espírito sopra neste sentido.

Será uma espiritualidade não de contemplação pura mas de atuação apostólica. Quando falamos de espiritualidade ativa e espiritualidade contemplativa, será bom não esquecer nunca que a alma de tôda espiritualidade é a Caridade. E que a caridade é que anima a contemplação do contemplativo (busca da solidão no amor de Deus) como a ação do apóstolo (angústia pela salvação do outro). E que, finalmente, não existe, no cristão verdadeiro, contemplação sem ação nem ação sem contemplação: no fundo de seu Carmelo, Teresinha do Menino Jesus foi uma missionária de espanto, e Domingos de Guzman, no mais ardente de seu apostolado e de suas lutas, nunca deixou de ser um homem de oração. É uma questão de predominância de uma ou outra das duas tensões. Pois bem, na espiritualidade leiga predominará a ação apostólica como polo de atração. Essa ação mesma se tornará muitas vezes forma de oração, outras vezes será um transbordamento da contemplação. **Espiritualidade da ação**: esta fórmula tão incompreendida e tão caluniada, no fundo diz apenas esta simples coisa: que, unido a Deus, o leigo faz de sua atividade cotidiana

uma fonte de união maior ainda e mais fervorosa. Encarnação, engajamento, ação: tais são as três tensões que formam a espiritualidade leiga.

2. Uma espiritualidade matrimonial — Uma espiritualidade leiga, porém, também um leigo celibatário a deverá viver. A espiritualidade preconizada pelo MFC terá de ser além de leiga, mais especificamente, uma **espiritualidade matrimonial**. Que significa esta expressão? Significa viver simplesmente mas até o fundo o matrimônio-sacramento. Dois ou três pontos podem ser explicitados aqui:

A) Antes de mais nada é necessário desvendar aos olhos dos casais a profunda significação espiritual (e, por que não dizer?, mística) deste sacramento. Esta significação não está por inventar nem por formular. São Paulo já a revelou no célebre texto da carta aos Efésios, lido na missa nupcial. Importa mostrar a este e àquele casal concreto o alcance em sua vida concreta desta doutrina, antiga como o próprio cristianismo. Como é que em sua vida — ele em seu trabalho profissional, ela em sua obscura atividade doméstica — se realizará esta semelhança com a união de Cristo e sua Igreja? Como é que o matrimônio lhes permitirá e, se possível, facilitará a vida teologal? E o crescimento nas virtudes morais e nos dons?

B) Além disso o matrimônio, como todo sacramento, é portador não apenas da graça santificante mas também de graças próprias destinadas a conferir o cunho cristão à vida matrimonial nos seus mínimos aspectos. Graça de cura do inviscerado egoísmo de cada qual; graça para suportarem um no outro os defeitos que não podem vencer; graça, para o espôso, de ser chefe em seu lar, e para a espôsa, de ser fecunda, ainda mais no espírito que na carne; graça de crescerem juntos e subirem na escala humana e na sobrenatural... Um conhecimento cada vez mais profundo destas graças e sua vivência cada dia mais autêntica e atuante, são um imprescindível elemento de espiritualidade matrimonial.

C) Acrescentemos que para ser matrimonial essa espiritualidade deverá construir-se sobre a vida-a-dois. "São uma só carne", diz a Escritura, falando dos esposos. Esta união de vida tem de atingir aquilo que nêles é mais íntimo: sua vida em Deus.

Não haverá espiritualidade matrimonial se não houver profunda convicção de que o casamento é uma estrada de perfeição, um caminho para a mais alta santidade. Ora, é possível que nós, sacerdotes, não tenhamos feito tudo quanto era necessário e possível para conduzir os casais para este norte. Pois se é verdade que a eles, cristãos casados, e não a nós sacerdotes, compete construir com sua vivência e sua reflexão esta espiritualidade que lhes é própria, é verdade também que eles contam conosco para traçar com eles as linhas-mestras, que eles ignoram, dessa espiritualidade, e para os estimular nesse roteiro de santidade robusto e forte, exaltante e convidativo. De minha própria experiência no MFC e do que ouço dos casais muitas vezes, creio podermos confessar que não temos sabido dar bastante aos casais nem exigir bastante deles em matéria de espiritualidade. Aceitamos que, por covardia ou ignorância, eles rendam muito pouco: acovardamo-nos com eles. Ou per-

demos ânimo em face da mediocridade espiritual da imensa maioria: nivelamos por baixo em vez de levantar o nível. Ou, o que é pior, acabamos acostumando-nos com a idéia de que na verdade casamento é incompatível com santidade.

O MFC nasceu e existe para gerar casais desejosos de mais espiritualidade em sua vida. Casais dispostos a aceitar o esforço para a santidade. Casais determinados a se santificar. E o que é magnífico é ter visto que o MFC já fez muito neste terreno: é conhecer dentro do Movimento casais destes. Marcados pela santidade.

B — O Apostolado da Família

Mas o MFC não visa apenas o aprimoramento espiritual íntimo dos casais que o integram. Nem quer ser uma simples elite, resguardada e autoprotetora, segregada da **massa peccati** dos demais, de um meio irremissivelmente perdido. Não: é movimento aberto para os outros. Por isso mesmo tem, ao lado do primeiro objetivo, este outro de igual importância: o apostolado familiar. Sua tarefa específica no campo do apostolado leigo é este apostolado voltado para a família. E, com toda a evidência, não há mais eficaz apostolado da família do que o realizado por outra família. Eis por que o Movimento se propõe despertar nos leigos um agudíssimo senso apostólico, um zelo verdadeiramente missionário. Neste sentido ele se inscreve na grande corrente de apostolado leigo que, há quarenta anos, vem sendo uma nota característica de Igreja de nosso tempo.

E que será, em sua natureza e em seu alcance, tal apostolado?

E' extremamente difícil, em nossos dias, a situação da família como instituição cristã. Por isso mesmo, a Igreja preza, acima de tudo, o apostolado da Família como uma atividade quase de emergência, indispensável e urgente. "Não sabemos de outras finalidades pelas quais a Igreja devesse empregar todas as suas forças, a não ser esta: a Família, dizia Pio XII em 1949. E em novembro de 1951, falando à **Frente da Família**, ele repetia: "Na ordem da natureza, entre as instituições sociais, nenhuma existe que desperte mais a preocupação da Igreja do que a Família... A Família encontrou e sempre encontrará na Igreja defesa, proteção, apoio". O apostolado da Família terá que ser portanto infinitamente amplo, buscando socorrê-la em tudo e onde quer que ela esteja sofrendo embates, como família e como cristã. E' a redenção integral da Família que, por sua parte, o MFC pretende realizar em seu apostolado. Não lhe satisfaz, portanto, o ângulo negativo do apostolado (a luta contra o divórcio ou contra as práticas anti-concepcionais); ele procura também o positivo, que é preparar famílias mais felizes para amanhã. Não lhe bastam coisas como introduzir o têrço no lar ou levar a Família à descoberta da liturgia — ele julga que é seu dever igualmente lutar para que a família encontre um teto digno, salário justo, escola para os filhos.

Num quadro esquemático creio que poderíamos resumir o apostolado familiar tal como o concebe o MFC nas seguintes perspectivas:

A) É, em primeiro lugar, o apostolado direto ou diretamente religioso. Consiste este apostolado em dois impulsos complementares que o MFC

procurará provocar em torno de si: evangelizar as famílias (levar a elas os valores cristãos para suas realidades básicas como a harmonia conjugal, a educação dos filhos, etc) e trazer as famílias afastadas para a vivência da vida da Igreja, seus sacramentos, suas leis etc.

B) Ao lado deste apostolado direto, completando-o o MFC visa o apostolado indireto. Consiste este em **dispor** os casais e as famílias para a evangelização, se é que queremos que esta evangelização venha a ser, mais do que um verniz superficial e epidérmico, uma impregnação de toda a vida. Esta **predisposição** da família, objeto do apostolado indireto, terá de ser uma transformação tão profunda quanto possível da família, agindo, se necessário, sobre os grandes condicionamentos externos que a determinam para o melhor ou para o pior. Dois grandes condicionamentos que podemos apontar são: a **mentalidade** e as **instituições**. Quando falamos da crise da Família não precisamos ter medo de afirmar que ela se sintetiza nestes dois pontos: há uma mentalidade destruidora da Família vicejando em nossos dias (mentalidade divorcista que faz "tábula rasa" da fidelidade conjugal e da perenidade do amor, mentalidade hedonista pautando o casamento pelo gôzo, mentalidade de ganância e outras assim) e há instituições que tornam impossível a realização plena da família cristãmente entendida. Instituições políticas, instituições sociais (habitação, higiene, escolaridade, transportes) e, mais do que tudo, instituições econômicas (regime salarial iníquo no qual não se leva em conta a condição de casado e pai de família da maioria dos operários; obrigação em que mulheres e crianças se vêm forçadas a trabalhar, sob pena de não poderem sobreviver, etc.). Se abrir mão de uma ou outra destas formas de seu apostolado, o Movimento se estará sangrando na veia da saúde e amputando uma dimensão essencial de sua estrutura e sacrificando assim sua própria atuação.

III — MÉTODOS DE AÇÃO: ALGUMAS INTUIÇÕES DO MFC

Não parece necessário retomar aqui em nova análise os métodos de ação próprios do Movimento. Comentamo-los já no "**Restaurar a Família**" e, lendo-os ali, o padre poderá aprofundar em seu espírito de sacerdote o que ali está como uma explanação feita para os leigos. Aqui eu gostaria apenas de ressaltar alguns pontos da metodologia do MFC que me parecem conter intuições significativas e capazes de certo desenvolvimento pastoral e certas aplicações interessantes.

A — O Trabalho em Equipe

A primeira dessas intuições é a do **trabalho em equipe**. A ação familiar, lembrávamos linhas acima, é hoje um labor áspero e com mínimas "chances" de sucesso, tais e tão graves os problemas com que se defronta. Um homem sozinho, no caso, uma família sozinha pouco pode fazer. É preciso agrupar as famílias. Que tipo de agrupamento, porém, terá possibilidade de rendimento? Hoje a família se encontra, sob este ponto de vista, diante de duas tentações: de um lado o isolacionismo individualista, de outro a massificação, o coletivismo anônimo e despersonalizador. O meio-térmo

justo e virtuoso entre estes dois excessos igualmente falsos é justamente o trabalho em equipe. Pequenos grupos formados em torno de problemas comuns, mas sobretudo de idéias e atividades comuns para as soluções desses problemas. Pequenos grupos dispostos a aprofundar suas reflexões. Grupos vivos e orgânicos nos quais cada qual dê realmente o melhor de si mesmo. Esta idéia é fundamental no MFC, e inalienável. É daqueles elementos do Movimento que não podem ser sacrificados a preço nenhum. É extremamente necessário que ajudemos os casais a ir bem ao fundo da noção e do alcance da equipe. Mostrar-lhes que uma equipe é outra coisa, diferente do simples agregado de pessoas — é muito mais. Fazê-los sentir o conteúdo natural e também sobrenatural deste trabalho em grupo. Conduzi-los de tal modo que naturalmente a equipe venha a gerar líderes: favorecer, por nossa parte, e não obstruir o nascimento destes líderes. Apontar-lhes, a todos, as virtudes próprias da equipe: ela é orgânica como um corpo, é viva, é dinâmica. Empolgá-los por esta maneira de estudar e trabalhar. Valorizar a equipe. Muitos vêm na reunião apenas uma juxtaposição de pessoas por uns momentos fugazes: não estão habituados a fundir-se assim no estudo e no trabalho. Depende de um chefe valorizar assim diante de todos a significação profunda da equipe como elemento básico do Movimento.

B — Dos Círculos Matrimoniais a Nazaré

Outra idéia rica e fecunda do MFC é a da transição dos casais, partindo dos Círculos Matrimoniais para as Equipes de Nazaré. Estamos aliás aqui ainda no terreno da intuição anterior. Pois esta transição é, antes de mais nada, um encaminhamento progressivo e seguro, de um grupo ainda impreciso, mal ajustado e pouco coeso, para uma equipe — na verdadeira acepção da palavra — e daí para a comunidade, algo ainda mais rico e produtivo do que a equipe. Além disso, porém, essa transição do CC.MM. para as EE.N. é transição de um grupo heterogêneo para um outro homogêneo, formado de casais interiormente consagrados à missão familiar. Há portanto um progresso, uma ascensão marcada na vida dos casais. Esta hierarquia, dos Círculos para as Equipes, não deve ser encarada como um formalismo, algo de extrínseco e facilmente dispensável. Ao contrário, é um elemento de formidável dinamismo para o MFC, que é preciso respeitar e fazer valer e que pode trazer a ele uma força insuspeitável. Contanto que se dê a este elemento todo o alcance de que é capaz: que seja uma promoção não em grau humano mas em formação interior, em zelo apostólico, em vida cristã.

C — No Ambiente do Lar

Notemos uma terceira idéia dentro do MFC: as reuniões se fazem, não numa igreja ou num salão, mas no próprio lar dos casais. E em todos os lares de um em outro, segundo um rodízio que deve ser rigoroso para não deixar à margem nenhuma das casas. Por que tudo isto? Porque é no seu ambiente próprio que o MFC quer apanhar os casais. Não é preciso grande experiência para observarmos que uma pessoa é bastante diferente se a vemos e conversamos com ela sôzinha ou se, ao contrário, a vemos com os

membros de sua família. Ajuntemos esta outra observação, não menos verdadeira: se eu tomo contato com uma família na sacristia de minha igreja ou em meu salão paroquial, ela vai me aparecer muito diferente, mais autêntica, se depois eu a encontro em sua casa. Ali ela está em seu ambiente natural, sofre o influxo desta ambientação, mostra-se mais ela própria, sem artifícios, sem composição externa. Daí a importância de se fazerem tôdas as reuniões numa casa de família. Nenhum pretexto deve ser aceito para mudar êste local. Tudo ao contrário deve ser sacrificado a esta regra: reuniões em casa. E inclusive os outros contatos do padre com o casal, também, de preferência que sejam em casa. Neste ponto, como no precedente, acredito que um grande trabalho de explanação deve ser feito para que todo o Movimento compreenda as razões profundas disto e não julgue que é só por facilidade ou comodidade que se fazem reuniões em casa.

D — Casais na Direção das Reuniões

Não quero deixar de assinalar uma última intuição, importante, do MFC: nêle são casais saídos das Equipes de Nazaré que vão dirigir os Círculos Matrimoniais. Notamos acima que, nascendo numa região desprovida de clero, o MFC trouxe em si um cunho apostólico e, como expressão desta orientação apostólica, o desejo de fornecer aos sacerdotes tanto quanto possível uma ajuda eficaz. Uma das maneiras desta ajuda reside nisto: no MFC o sacerdote assiste e acompanha as Equipes de Nazaré que são grupos de casais preparados para o apostolado familiar e já integrados nêle. Nos Círculos Matrimoniais, fase inicial do Movimento, não está prevista a presença nem a atuação do sacerdote. E' um casal de Nazaré que, bem orientado, vai fundar e dirigir êstes Círculos. Isto tem a vantagem não apenas de multiplicar a ação do padre mas ainda de preparar cada vez mais e melhor um número crescente de casais para as tarefas missionárias do delicado apostolado da Família.

Esta é outra intuição do Movimento que é preciso não esvaziar de seu conteúdo nem desrespeitar. Há um certo medo, por parte dos padres, em lançar os casais, ainda os mais formados, na "aventura" de dirigir grupos — e, por parte da maioria dos casais, costuma haver verdadeiro pânico em se deixarem lançar. Decerto deve haver prudência e cuidado: corre-se o risco de "queimar" definitivamente um casal para o apostolado e de deixá-lo imprimir um rumo errado às coisas. Dada a natureza dos círculos matrimoniais, é preciso haver um mínimo de preparo em quem vai dirigí-los. Mas não se pode sacrificar, repito, por medo, êste ponto relevante do MFC. Sobre tudo quando vemos jovens colegiais e universitários que disso são capazes, quando bem preparados, no seu apostolado específico de JEC e JUC. Há que contar com a graça de Deus, com o poder irradiante do bem e da verdade, com a assistência do Senhor. Os apóstolos de amanhã estão-se preparando, sem dúvida, nestes casais que, com sacrifício mas com generosidade, terçam as primeiras armas na direção de círculos matrimoniais onde êles vão encontrar outros casais parecidos com êles, mas carregados de problemas que êles ajudam a resolver.

IV — UM POUCO DE FORMAÇÃO DO MFC

No correr desta brochura teremos a oportunidade de falar explicitamente da formação dada aos casais no MFC e do papel que o sacerdote vai desempenhar nesta formação. Não insistiremos aqui e agora nesta explicitação. Apresentando porém o Movimento a sacerdotes, parece-me bom frisar dois aspectos gerais desta formação, aspectos que vão marcá-la em toda a sua extensão.

1. **E' uma formação prática e não teórica e abstrata.** Trata-se de formar apóstolos para seu apostolado. É, pois, no próprio exercício do apostolado que eles encontrarão melhor sua formação que a Igreja sempre conheceu. Usa-os com todo o rendimento que eles possam ter. Mas aplica, tão plenamente quanto lhes seja possível, aquilo que os próprios Papas, na Ação Católica, chamaram a "formação na ação e pela ação". Cada círculo matrimonial constitui, dentro do espírito do MFC, um campo interior de apostolado, no qual os futuros missionários da Família começam a aprimorar seu zelo apostólico e a fazer como que o aprendizado de sua atuação apostólica. É de toda a importância que, em nome de uma formação teórica, por mais apurada que seja, não se menospreze a formação típica do Movimento, como da Ação Católica em geral, que é a formação através do próprio apostolado.

2. **A base da formação no Movimento deve ser a "volta às fontes"** do mais puro e autêntico cristianismo. Estas são, paradoxalmente, como cada qual sabe, as mais modernas bases de formação espiritual, pois estamos assistindo precisamente em nossos dias, na atual renovação religiosa, a uma volta àquelas fontes. Fizemos questão de notar, em outro parágrafo, que o Movimento Familiar Cristão surge na Igreja como um complemento a três grandes outros movimentos: o litúrgico, o bíblico e o catequético. Pois bem, é muito naturalmente que o MFC vai buscar como essência de sua formação religiosa estas três nascentes de vida cristã. Nas reuniões como nos retiros, nas homilias como nos cursinhos de formação, o MFC, para ser fiel a si mesmo, buscará sempre colocar o aprofundamento da Palavra de Deus, a vivência da Liturgia e o conhecimento melhor da doutrina da Igreja como fundamento de sua formação integral. Nunca será demais despertar os casais, em qualquer esfera do Movimento, para esta preocupação.

Aí está, em suas grandes linhas, o Movimento Familiar Cristão. O resto poderá ser lido na brochura "Restaurar a Família em Cristo" (1). Em seus objetivos fundamentais ele é, podemos assim defini-lo, uma escola de apostolado e uma fecunda matriz de espiritualidade matrimonial. Para fazer dele isto, que lhe é essencial, o sacerdote é chamado a colaborar nêle. Imprescindível é a ação do sacerdote, em cooperação estreita com os casais. E qual o trabalho sacerdotal? Aqui procuramos descrevê-lo tão exaustivamente quanto nos fôr possível, procurando situar ao menos os pontos essenciais.

1) Pedidos à Equipe Central Nacional — Rua Gen. Venâncio Flôres, 100 apto. 103 — Rio de Janeiro — GB.

MOVIMENTO PASTORAL DE CONJUNTO NO NORDESTE

II

Planejamento da Província de Nossa Senhora das Neves Filhas do Amor Divino — Natal-RN

PLANEJAMENTO — 1962

De acôrdo com o Planejamento Regional a ser realizado pelas religiosas do Nordeste, decorrente do Curso por Um Mundo Melhor, realizado em Natal, de 7 a 20 de janeiro de 1962.

A) SETOR VERDADE — Educação

Para conseguir:

- a) **Para a Igreja:** Vocações religiosas, líderes de primeiro plano, militantes cristãos e almas marcadas pelo Cristianismo;
- b) **para a Pátria:** cidadãs íntegras, lares cristãos e jovens competentes e cultas, cheias de amor à sinceridade e à honestidade profissional, os nossos Colégios se propõem as seguintes resoluções:
 - 1) Fazer com que, dentro das possibilidades, tôdas as Religiosas da Província Nossa Senhora das Neves façam o Curso do Mundo Melhor.
 - 2) Diante da experiência de renovação do Colégio Católico, realizada no Colégio Nossa Senhora das Neves, nos últimos 2 meses do ano passado, procurar que os Colégios da Província aproveitem do planejamento elaborado tudo quanto fôr adaptável ao seu meio.
Sejam salientados os seguintes pontos:
 - a) **Formação intelectual:** Selecionar o professorado. Na medida do possível, tanto o professorado leigo como religioso participar dos Cursos de Aperfeiçoamento (principalmente os da CADES), a fim de que estejam capacitados aos progressos e problemas atuais. Fazer cada casa, a assinatura das seguintes revistas, caso não as haja ainda: "Revista do Ensino", "Visão", "Síntese Política, Educativa e Social" (SPES) e "Pergunte e Responderemos".
Não aceitar repetentes de outros colégios.
 - b) **Formação Espiritual:** Levar as alunas a uma autêntica vivência cristã, sobretudo, fazendo da Sta. Missa o centro da vida, conforme está planejado no Setor Graça.
 - c) **Formação da Vontade:** Despertar a aluna para as responsabilidades do meio estudantil, através de:

- equipes de vida,
- diretório colegial,
- representantes de classe.

- d) **Espírito de Família:** Baseado no Corpo Místico de Cristo, fazer que a disciplina seja toda funcional. Dar maior incremento à Associação de Pais e Mestres, dentro da linha do Mundo Melhor.
- e) **Colocar o Colégio em Estado de Missão:** Despertar o Corpo Docente para um trabalho de apostolado direto, através de encontros, no Espírito do Mundo Melhor. Levar as alunas à ação missionária, através de movimentos apostólicos da JEC, Associação de Ex-Alunas, Pia União e Legião de Maria.
- 3) **Aulas de Religião:**
As aulas de religião devem ser ministradas de modo mais vivo e eficiente possível. Para isto, recomenda-se:
 - professora competente,
 - material didático adequado,
 - preparo das aulas.

SETOR VERDADE — Opinião Pública

- 1) Sugerir às entidades competentes, a urgente criação de cursos de Jornalismo, para que as Irmãs e alunas possam freqüentá-los.
- 2) Fazer, após a projeção de uma fita em nossos colégios, o cine-forum, e publicar a cotação dos filmes nêle exibidos.
- 3) Despertar a consciência das alunas para o Concílio Ecumênico através de orações, palestras, cartazes e jornais murais.
- 4) Movimentar as Irmãs e alunas para a participação em todas as campanhas da Diocese e da Paróquia.
- 5) Manter em nossos colégios cursos de alfabetização para domésticas, dados por alunas, sob a orientação de uma irmã.
- 6) Incentivar as visitas às famílias pobres, situadas na periferia da cidade, para conseguir a promoção das mesmas.
- 7) Designar para o ensino da religião irmãs especializadas e com aptidões adequadas.
- 8) Designar em cada colégio uma religiosa para o secretariado do ensino religioso Diocesano e Paroquial.
- 9) Fazer com que as alunas do 2.º ciclo ensinem religião nos grupos escolares, supervisionadas pela professora de Religião.
- 10) Proporcionar às alunas do 2.º ciclo cursos de formação de catequistas, a fim de poder conferir-lhes, no fim do curso, também, o certificado de catequista competente e idealista.

B) SETOR GRAÇA

- 1) **Quanto à Santa Missa:**
 - a) A Missa Comunitária de todas as casas da Província seja realizada com

a participação de 3.º grau, seguindo, entretanto, a orientação do Ordinário do lugar.

- b) Antes da Missa Comunitária, será anunciada pelo Capelão ou por uma Religiosa, a missa do dia e a intenção da mesma.
- c) De acordo com o Capelão, as Missas de Vestição, Renovação dos Votos e do Padroeiro da Casa, sejam cantadas em Gregoriano, visto a impossibilidade de fazê-lo nas principais festas litúrgicas em virtude do excesso de trabalho dos Sacerdotes em tais ocasiões.
- d) Promover, em todos os colégios da Província, uma Semana da Missa.
- e) Reforça-se a determinação de não obrigatoriedade da Missa durante a semana, para as internas, devendo, entretanto, levantarem-se todas no mesmo horário.
- f) Influir junto aos pais, noivos e alunas, para que, aproveitando as festas de aniversário, ofereçam Missais, como presente.
- g) Aproveitar as Missas de circunstância, especialmente as das formações, para levar uma mensagem mais viva do Cristianismo às pessoas que, muitas vezes, só vão à Igreja por estas ocasiões.
- h) Pelo menos duas vezes em cada semestre, aproveitando a Semana da Missa e outros encontros com as alunas, fazer com que seja celebrada a Missa "versus populum", com as procissões de entrada e do ofertório (pedindo a devida licença).

2) Quanto aos Sacramentos:

- a) Convidar cada turma de alunas para assistir a um batizado na Paróquia, dialogando-o. Preferir para isso o batizado de um irmãozinho de uma das alunas.
- b) Fazer um levantamento das alunas com mais de 7 anos, não crismadas, prepará-las para o Sacramento da Confirmação, e, de acordo com o Ordinário, realizar a Crisma.
- c) Influir nas alunas e ex-alunas noivas, para que celebrem o Matrimônio durante a Sta. Missa, vivendo o espírito da Igreja.

3) Quanto ao Ano Litúrgico:

Preparar as Festas Litúrgicas de Páscoa, Pentecostes e Natal, possivelmente, por equipes de alunas, através de:

- cartazes,
- jornais murais,
- aulas especiais de religião,
- ornamentação litúrgica,
- projeções.

4) Quanto ao Noviciado:

Será executado um programa de formação litúrgica, constando, no mínimo, de:

- Semana da Missa,
- Noções de Canto Gregoriano,
- Liturgia dos Sacramentos.

C) SETOR JUSTIÇA

- 1) Possuir cada Colégio o livro "Consolidação das leis trabalhistas" e promover explicações e cursinhos sobre o assunto, logo no 1.º semestre, para as comunidades.
- 2) Sindicalizar todos os empregados, quer operários, quer professores, fazendo-os sentir sua importante posição como cristãos dentro do sindicato, através de reuniões e palestras.
- 3) Consultar os Srs. Bispos a respeito da sindicalização das Religiosas.
- 4) Onde não há Sindicatos dos Estabelecimentos Particulares de Ensino, fomentar a sua criação, em caráter estadual.
- 5) Incluir no ensino de Religião o estudo sobre Doutrina Social da Igreja e promover, no 2.º ciclo, conferências, por especialistas em Sindicalismo, sobre reforma agrária, comunismo, cooperativismo e migração nacional.
- 6) Fazer um trabalho junto às organizações de apostolado existentes no Colégio, para que estas formem a mentalidade da massa popular sobre o problema da migração nacional.
- 7) Incentivar, onde já existe, e, possivelmente, criar, onde não houver, o Banco da Providência.

D) SETOR MILITANTE:

- 1) Recrutar, mobilizar e formar líderes, através de:
 - sociogramas
 - observações
 - tarefas
 - contatos.
- 2) Visando a formação integral da aluna, oferecer oportunidades de encontros mistos em nossos Colégios, guardando a necessária prudência.
- 3) Criar a JEC nos Colégios ou vitalizar os núcleos ou seções já existentes.

CALENDÁRIO

- Março:**
- Curso do Mundo Melhor para as Ex-alunas.
 - Encontro de dois dias com os professores para planejamento das atividades escolares.
 - Encontro de 3 dias com as religiosas para o planejamento escolar, catequético e missionário.
 - Início das atividades escolares.
 - Festa das Novas
 - Missa do Divino Espírito Santo.
 - Fundação do Diretório Colegial.
- Abril:**
- Semana de Preparação para a festa litúrgica da Páscoa.
 - Festa da Revma. Madre Fundadora.
 - Feriados da Semana Santa.
 - Entontro com algumas séries do curso secundário na linha do Mundo Melhor.

— Levantamento das alunas com mais de 7 anos não crismadas.

Maio: — Retiro da JECF.

— Encontro com algumas séries na linha do Mundo Melhor.

— Festa do Dia das Mães.

— Páscoa das Ex-alunas.

— Estudo sobre Justiça Social para as Irmãs e Alunas.

— Sindicalização de professores leigos e religiosos.

— Semana da Missa.

Junho: — Preparação para a Festa litúrgica de Pentecostes.

— Crisma das alunas não crismadas.

— Lançamento da campanha da O.V.S.

— Festa junina no Colégio.

— Festa do Sagrado Coração de Jesus.

Julho: — Férias.

— Retiro espiritual das superiores.

Agosto: — Reinício das aulas.

— Recepção das novas postulantes.

— Festa de N. S. das Neves

— Dia do Estudante.

— Dia da Ex-aluna

— Dia do Papai.

— Festa de Santo Agostinho (Patrono da Congregação).

Setemb. — Encontro com algumas séries do secundário na linha do Mundo Melhor.

— Dia da Pátria.

— Semana da Bíblia — participação artística do Colégio no movimento da Paróquia.

Outubr. — Encontro com algumas séries do secundário na linha do Mundo Melhor.

— Dia da Criança.

— Festa da 1.ª Comunhão — possivelmente na Igreja Paroquial.

— Dia do professor.

— Dia da aluna interna.

— Festa de Cristo Rei — compromisso da JECF.

Novemb. — Acampamento das Ex-alunas.

— Renovação dos santos votos — festa da Congregação.

— Festa do Jardim da Infância.

— Encerramento do ano letivo com sessão solene.

Dezemb. — Provas finais.

— Entrega dos certificados.

— Excursão das turmas concluintes.

— Preparação para a festa litúrgica do Natal.

— Festa do Natal.

APOSTOLADO VOCACIONAL DO BEMAVENTURADO IRMÃO BENILDO F.S.C.
CENTENÁRIO DE SUA MORTE — 1862-1962

Irmão Agostinho Simão, F.S.C.

1 — SANTIDADE DE VIDA

"Ele fez as coisas comuns de maneira não comum" (Pio XI).

Por que será que esse irmãozinho (1m51), modesto professor de humilde escola popular, recebeu as honras da Beatificação?

Como humanamente explicar que um pequeno catequista, quase desprovido de grandes talentos naturais, nem letrado, nem humanista, nem filósofo, nem sábio, que não pronunciou grandes discursos e frases históricas, que não compôs obras, nem fez fundações extraordinárias, mas vivendo uma vida pouco esplendorosa, tenha, assim mesmo, merecido a exaltação pela Salvação de Deus?

Que terá pois feito esse Irmão nascido em 1805, em pequena cidade da França e falecido em 1862 como diretor da Comunidade Lassalista de Saugues, onde passou os últimos 21 anos?

Simplemente isto: deu aula das 8 da manhã às 16,45 da tarde, 5 dias na semana, 10 a 11 meses por ano e isto durante 40 anos, ensinando gratuitamente a ler, escrever, desenhar e calcular, aos pequenos da classe popular, às vezes mal arrumados e rústicos. No mais fazia como seus irmãos, todos os exercícios de Regra.

Porém, declara Pio XI, ao declarar-lhe a heroicidade das virtudes: "Ele fez as coisas comuns de maneira não comum". Fez as mesmas coisas que nós religiosos fazemos todos os dias, mas as fez provavelmente melhor. Fez seu dever de religioso educador conforme e o espírito é a Regra de S. João Batista de La Salle.

Simplemente, cumpriu, sem esmorecimento, o "terrível cotidiano" que santifica. A diferença ei-la: ele agia melhor, não porque fôsse santo, mas ele se tornou santo porque aceitou a Regra na sua integridade e que de todo o coração a observava com serenidade e simplicidade.

A santidade, à luz da vida do Irmão Benildo é menos complicada daquilo que parecem ensinar certas vidas cheias de milagres. •

S. S. Pio XI falou do religioso Lassalista nestes termos memoráveis: "Humilde servo de Deus, sua vida foi cheia de modéstia e de silêncio, bem

comum e cotidiana. Mas nesse comum e cotidiano, houve muito de não comum e não cotidiano. O cotidiano que retorna sempre igual, que é sempre feito das mesmas ocupações, das mesmas situações, das mesmas dificuldades, das mesmas tentações, das mesmas fraquezas, das mesmas misérias, foi oportunamente chamado de o "terrível cotidiano". Que força é necessária para dele se defender. Que virtude não comum é necessária para fazer com atenção, piedade, fervor íntimo, tudo aquilo de que está cheia nossa vida ordinária. Eis a grande lição que nos dá esse Irmão, a saber: que a santidade não consiste em fazer coisas extraordinárias, mas as coisas comuns de modo não comum".

"Beatificando o Irmão Benildo, disseram os advogados da Causa, S. S. Pio XII beatificou, de certo modo, todos aqueles religiosos que observam exatamente, sem esmorecimento, as prescrições de sua Regra".

"Guardai a Regra e a Regras vos guardará" (Pio XI).

2 — FRUTOS DE SUA SANTIDADE

"Pelos frutos os conhecereis" disse Nosso Senhor.

Um dos principais carismas do B. Irmão Benildo foi o de animar eficazmente as vocações sacerdotais e religiosas. 7 anos depois de sua morte, em 1869, havia 245 Irmãos F.S.C., vivos, naturais de Saugues e 150 sacerdotes, 31 dos quais depuseram no processo de Beatificação, sem falar das vocações enviadas aos institutos hospitalares, todos antigos alunos da escola primária de Saugues. Contam-se por centenas os jovens que ele encaminhou para os seminários. "Todos os anos, entre os jovens sacerdotes ordenados por S. Excia. o Sr. Bispo du Puy, havia vários antigos alunos do Irmão Benildo", afirma o historiador e biógrafo George Rigault. Ainda hoje vive o Irmão Laurent F.S.C., de 90 anos, expulso 3 vezes: em 1904 da França; em 1914 do México; em 1961 de Cuba, e antigo aluno do Irmão Benildo.

Se é por toda a sua vida religiosa, por todos os seus contatos e por todos os seus ensinamentos que ele recrutava e teve surpreendentes resultados, contudo, vamos pôr em relêvo alguns meios e métodos por ele empregados.

3 — MEIOS E MÉTODOS DE RECRUTAMENTO

a) O ambiente escolar cristão

"Os alunos formados pelo Irmão Benildo tornavam-se homens profundamente cristãos; nenhum morreu sem os sacramentos; todos praticavam assiduamente sua religião, até virem às vésperas dominicais", escreve o Pe. Vigário de Saugues, François Fabre.

"Sua escola se tornou uma escola cristã por excelência, aquela em que a presença de Deus e o ensino da religião têm o primeiro lugar" (Ibid.).

"Na maioria, seus antigos alunos ficaram cristãos fervorosos e a própria paróquia deve-lhe, em grande parte, o mérito de ter conservado tão viva sua fé religiosa" (Ibid.).

"Eu o revejo sempre, declara um seu antigo aluno, dizendo, cada vez que o relógio dava as meias horas: "Lembremo-nos que estamos na santa Pre-

sença de Deus". Adorê-mo-lo, respondíamos. Seu exterior recolhido nos impressionava fortemente".

Empregava freqüentemente orações jaculatórias e na aula observava com escrupulosa exatidão as práticas do Instituto, estabelecidas pela Conduite des Ecoles, para acostumar os alunos a viverem sob o olhar divino.

"O catequista admirável chorava ao contar aos alunos as cenas da Paixão. Parecia-nos estarmos assistindo a ela", declara o Irmão Neómidas.

b) O bom exemplo

A vida consagrada e de tal modo irradiante do Irmão Benildo suscitou centenas de vocações, porque ele os animava com o espetáculo de sua própria vida. "Seus exemplos me atraíram para o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs", declara o Irmão Nil-François.

Os alunos o admiravam. Vários dentre eles tornaram-se sacerdotes ou religiosos e declararam deverem sua vocação aos exemplos de seu antigo mestre. Suas atitudes chamavam a atenção dos meninos. Um dia surpreenderam-no, no meio de um passeio, de joelhos, atrás de um rochedo, de olhos erguidos ao céu e com os braços em cruz. "Eu era seu vizinho de quarto, declara o Irmão Nomelin-Jean; às vezes ouvia ruídos estranhos; soube, mais tarde, que ele se dava a disciplina". "Parece que o Irmão Benildo usava um cilício" declara seu aluno João Coissard. O servo de Deus suportava, sem queixas, o calor e o frio, as chuvas e os ventos, todos os caprichos das estações. Humor sempre igual e coragem que o comum dos mortais desconhece.

"Quando eu era menino, afirma um sacerdote, os exemplos do Irmão Benildo me determinaram, assim como a 5 ou 6 colegas, a fazer na sua edificante companhia, uma visita ao Santíssimo, quase cada dia, ao cair da tarde".

Graças a seus exemplos, seus colaboradores tornavam-se também educadores conscienciosos.

Ele comungava todos os dias, o que não era comum na época. "Eu não podia tirar os olhos do Irmão Benildo, voltando da Santa Mesa, depois de comungar" (J. B. Medard). Certos paroquianos esperavam pela missa em que ia o Irmão Benildo para unir suas orações às dele. Seu aluno J. P. Redon, ajoelhado ao lado do mestre rezava: "Senhor, eu quereria dizer-vos aquilo que vos diz o Irmão Benildo, vos adorar e vos louvar com ele".

Nunca deixava a igreja sem ir ajoelhar-se diante de São José. Para ser atendido nalguma graça, levava os mais pequenos aos pés da estátua e uniam-se numa só oração.

Numerosos sacerdotes e irmãos declararam que sua vocação se decidiu nos contatos que tiveram com o Irmão Benildo e que suas virtudes se modelaram nas dele.

O povo chamava-o de "Santo de Saugues" e também de o "Homem do terço" que ele habitualmente tinha nas mãos e o rezava incessantemente. "Todos sentíamos as ondas misteriosas de sua santidade. Ao lado do nosso mestre, vivíamos numa atmosfera de piedade tão intensa que nos sentíamos atraídos a sua Congregação".

c) O catecismo e a reflexão

"Estabelecidos sob a tutela do SS. Menino Jesus e o Patrocínio de S. José, os Irs. das Escolas Cristãs deverão sobretudo ser zelosos na instrução dos meninos, principalmente dos pobres, naquilo que concerne à maneira de viver cristãmente" (Bula de Aprovação).

O Santo Padre Pio X chamou os Irmãos de "Apóstolos do Catecismo".

O B. Irmão Benildo teve em alto conceito esta sua missão de catequista: há que são mais brilhantes, poucas, porém, mais sobrenaturalmente belas.

"Se no meu trabalho educacional, eu só tivesse intenções naturais, escreve nas suas notas íntimas, e por minha culpa os alunos não fossem melhores, de que me serviria ter deixado o mundo? "O zelo, por conseguinte, será minha função religiosa; sem ele, estarei fora de meu caminho, em contradição comigo mesmo".

A Bíblia e o Evangelho foram a base de seu ensino religioso. Como procedia? Por perguntas e respostas, segundo o método tradicional nas Escolas Cristãs.

Durante toda a sua vida religiosa, reservou-se a preparação das crianças para a Primeira Comunhão, feita então aos 12 anos. Antes dela, fazia com os candidatos um retiro espiritual. Quando adoeceu explicava, à parte, o catecismo aos mais atrasados. Por fim, de todo impossibilitado de dar aula, durante a lição de catecismo dos coirmãos, ia à capela.

"Quando ele chegava à aula, todos ficávamos contentes. Ele nos explicava o catecismo com simplicidade e clareza, de modo que todos podiam repetir textualmente suas palavras". "Era muito hábil em se servir das comparações para melhor nos fazer explicações".

d) A informação sobre a Vocação Superior

"O piedoso educador apresentava aos alunos as belezas da vida sacerdotal e religiosa e os animava com o espetáculo de sua própria vida".

Dizem seus alunos que lhes dava sólidas instruções sobre as beneméritos da vocação religiosa, a sublime dignidade da vocação sacerdotal e as bênçãos que merecem para a família e para os indivíduos.

"Sabia ele sustentar os entusiasmos e dispor as almas à ação da graça divina".

"Dois momentos, sobretudo, lhe pareciam próprios para falar aos alunos de seu futuro: na véspera da Primeira Comunhão e na aproximação das férias".

"Falava então, de certo modo, ex cathedra, da grandeza do sacerdócio e da excelência do estado religioso; descrevia mesmo com emoção, a existência da obra missionária nos países infiéis".

"Tratava com sumo respeito seus antigos alunos sacerdotes".

Concedia certas atenções aos candidatos à vocação superior, dando-lhes santinhos e medalhas, levava-os mesmo, algumas vezes, nos passeios dos irmãos, munidos de um livro de cântos. Ao passarem diante das Igrejas, invocavam o SS. Sacramento e diante dos capitéis rezavam o "Cruz ave".

Tratava com sumo respeito a seus alunos. A um irmão que não o imitava nas saudações, disse: "Tire seu chapéu; êsses meninos, lembre-se, têm um anjo de guarda, ao qual o sr. deve homenagear". Cumprimentava os alunos sorrindo-lhes. Visitava-os quando adoentados para ensinar-lhes o modo de santificar a dor.

e) A vigilância

São João Batista de La Salle recomenda aos seus discípulos a pedagogia preventiva. Quer que estejam sempre atentos com seus alunos, a fim de impedir que façam qualquer ação, não só má, mas mesmo inconveniente.

O Irmão Benildo foi um vigilante compenetrado de suas importantes funções. "Um precioso depósito é confiado a nossa vigilância", dizia a seus inferiores nos quais não tolerava negligência nesse ponto.

Era um vigilante discreto mas ativo: Na aula, mesmo durante as orações, observava a todos. Na igreja, sacrificava seus sentimentos de devoção que o levavam a se absorver em Deus, para cumprir aquilo que considerava seu principal dever: a vigilância dos alunos.

No pátio passeava entre êles, de terço na mão.

Controlava-os mesmo fora da escola, na medida do possível, tanto aos alunos, como aos ex-alunos. Faltando na paróquia obras de perseverança, reunia-os, aos Domingos, e em sua escola, para divertí-los sãmente e lhes ensinava cânticos recreativos. Preocupava-se então, sobretudo, de sua situação religiosa.

Não queria que por culpa sua ou de seus irmãos algum aluno perdesse a graça santificante.

f) O sucesso pedagógico

Ouçamos um seu biógrafo, M. Besse:

"O Irmão Benildo preparava-se para dar uma lição de catecismo, quando, de repente, a porta se abre e aparece o Sr. Prefeito da cidade. Depois de cumprimentar o Irmão diretor Benildo, volta-se para os alunos: "Sabereis dentro de pouco a razão de minha presença. O Reitor da Academia conferirá uma recompensa ao vosso caro Superior. Quero entregar-lhe esta medalha em vossa presença. Comigo aplaudireis ao zelo e à dedicação do mestre". O Irmão Benildo, com a medalha no peito, teve que acompanhar o Sr. Prefeito em todas as aulas e prestar-se cada vez aos louvores e felicitações. A visita terminou-se com um dia de passeio".

O Irmão Benildo foi um excelente professor, dizem seus alunos. Exigia a disciplina de todos. Sua voz era clara e grave. Seu falar era correto, digno, interessante, sem afetação, bondoso, atencioso e delicado. Pelo acento pessoal, pela linguagem convincente, acabava por gerar convicções e, às vezes, a arrancar lágrimas.

4 — CONCLUSÃO

A graça do centenário da morte do Beato Irmão Benildo seja para nós a ocasião de transmitir aos alunos, com fervor e humildade, o apêlo de Cristo

à vida perfeita e ao sacerdócio.

Que o B. Irmão Benildo nos obtenha a graça de amar o nosso cotidiano, nossas santificantes funções de catequistas e guias da juventude.

Que ele interceda por nós para que cada uma de nossas escolas seja, como a de Saugues, um viveiro de vocações superiores.

Que ele proteja a todos aqueles que dirigem as escolas.

Sua vida é a dos bons mestres: por aí se vê que esse itinerário pode levar à glória celeste.

BIBLIOGRAFIA

Edições Loyola (autores diversos) — Assuntos Vários — Belo Horizonte

Em nossa mesa de trabalho, algumas publicações das Edições Loyola em que assuntos diversos são tratados, em estilo leve e atraente e com doutrina segura.

São publicações leves, ôtimamente impressas e dirigidas sobretudo à mocidade.

1º Grupo: Constan de os seguintes opúsculos:

Como estudar (61 pgs.) — Julian Ibañez Gil, S. J.

Revisão pessoal de métodos de estudo e conselhos para os exames;

Eu evito filhos... (62 pgs.) — Huerta e Valdés;

O que se deve saber sobre a regulamentação da natalidade;

A grande dúvida... (61 pgs.) — René de la Huerta;

Resposta à pergunta: Será possível a castidade?

Até eu seria comunista (61 pgs.) — Nelson A. Queirós;

Breve estudo sobre alguns aspectos do comunismo, frente à Igreja Católica.

2º Grupo: Revista "Horizonte":

Os opúsculos: **Será Pecado?** e **Filosofia do Sexo**, tratam com muita discrição e clareza o assunto indicado pelo assunto.

3º Grupo: Orientações: Nos. 1 e 9.

O primeiro trata do catolicismo e protestantismo; o segundo explana assuntos sobre relações entre jovens dos dois sexos. Sempre com o espírito altamente orientador.

I.J.D.

CURSO PARA EDUCADORAS DA INFÂNCIA

Dê um alto nível ao seu jardim de infância preparando as suas professoras.

CURSO DE TRÊS ANOS

Quem possuir diploma de Curso Normal poderá matricular-se no 2.º ano. Há bolsas de estudo para as Congregações que mantêm asilos. — Peça prospectos e informações ao COLÉGIO JACOBINA

Rua São Clemente, 117 — Telefones: 26-9121 e 46-8403
Rio de Janeiro

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

EDUCAÇÃO RELIGIOSA É CONSTRANGIMENTO?

A mentalidade moderna tende a rejeitar a educação religiosa em favor da pedagogia dita "neutra" ou "leiga", como se aquela fôsse constrangimento imposto ao adolescente. Que pensar a respeito?

E' o que vamos procurar formular por etapas.

Antes de mais, faz-se oportuno lembrar que a criança é essencialmente um ser dependente de seus pais, e dependente (à diferença do que se dá com a prole de irracionais) até idade mais ou menos adiantada. Aos pais, portanto, que deram a vida à prole, cabe a obrigação de fornecer todo o necessário à consolidação e ao aperfeiçoamento dessa vida.

Ora a prole precisa evidentemente de sustento físico (alimento, teto e roupa) que garantam a vida de seu corpo; isto, os pais, ao menos em teoria, não o sonegam a seus filhos. Mas, além de valores corpóreos, há em todo o ser humano, mesmo infantil, valores espirituais e morais; por outras palavras, há tendência a um termo supremo que não seja limitado como a matéria e que proporcione o Bem-Estar, a Felicidade simplesmente dita. Sendo assim, incumbe aos pais e educadores atender também a estes valores espirituais da criança e proporcionar-lhe tudo (instruções e exemplos) que os possa desenvolver e encaminhar para seu termo autêntico. Isto implica, entre outras coisas, educação religiosa e, falando-se objetivamente (independentemente das concepções que os pais possam nutrir de boa fé), educação religiosa católica.

Mas, não se poderia desejar que a formação espiritual da criança conste apenas do ensino de ciências e letras e de certas normas éticas, como se verifica na escola dita "neutra"? As questões religiosas, as quais dependem da fé, não parecem necessárias à formação de um bom cidadão.

Este raciocínio procede de errôneo conceito de religião. Religião significa cultivo das relações do homem com Deus, com Aquêlle que por definição é o Bem Supremo; a religião, portanto, tende a levar o homem à sua perfeição simplesmente dita; ela interessa ao homem todo, enquanto é um ser corpóreo dotado de inteligência e amor. Ao contrário, qualquer ciência ou arte que o indivíduo possa cultivar, aperfeiçoa-o apenas sob um aspecto, tornando-o bom físico, bom matemático, bom médico, mas não necessariamente homem bom (um bom médico pode ser um homem mau, ao passo que um homem sinceramente religioso é bom como homem, é homem bom).

Por conseguinte, vê-se que a formação religiosa é o ponto culminante para o qual converge qualquer educação de valores; é ela que dá consistência à formação profissional e moral do indivíduo. Com efeito, nem mesmo os preceitos da ética mais nobre são capazes de construir uma autêntica personalidade humana, se são separadas de Deus e da religião; a moral leiga, moral que apela para um ideal meramente humano a conquistar, cedo ou tarde mostra-se impotente para dirigir o homem, pois a autoridade da ética sem Deus

não pode deixar de ser relativa, sujeita a ser controvertida e reformada, como tudo que é criado.

A ineficácia da formação técnica e principalmente da formação moral que não estejam associadas à educação religiosa se manifesta bem nas estatísticas, como uma de suas conseqüências mais palpáveis, o progresso da criminalidade entre as crianças.

Com efeito, em 1880 foi o ensino laicizado na França em virtude da Lei Ferry. Pois bem; em 1887, A. Guillot, juiz de instrução em Paris, podia verificar:

"Há uma dezena de anos os crimes cometidos pelos jovens multiplicaram-se em proporção assustadora. As estatísticas mostraram que o número de delinqüentes de menos de 20 anos se quadruplicou: de cerca de 5.000 elevou-se a 20.000. A nenhum homem sincero, quaisquer que sejam as suas opiniões, pode escapar que este aumento espantoso da criminalidade coincidiu com as modificações introduzidas na organização do ensino público. Para a consciência dos que julgaram encontrar um progresso nestes novos caminhos, deve ser uma preocupação grave este espetáculo da jovem geração que se distingue pela sua perversidade brutal" (Paris qui souffre. Paris 1887, pág. 250).

E, em 1896 o mesmo autor testemunhava no jornal "Figaro" (19-VIII):

"Nada há de que nos maravilhamos... Desde 1887, inclinado continuamente sobre a miséria moral da infância, as minhas opiniões se vêm dia para dia confirmando... A criança que não é dirigida para as coisas superiores... que não se sente sob o olhar e a ação de Deus, uma vez homem, irá ao prazer e ao interesse. Nem espera chegar a homem. Desde cedo começa a tratar como velhas ficções tudo que lhe custa, tudo que lhe pesa, o sacrifício, o dever, a própria honra. Com o ideal religioso desaparece qualquer outro ideal. E os sem pátria nascem do mesmo tronco que os sem-Deus. No peito das crianças sopram já os ódios, as invejas, os ciúmes, a sede de prazeres que consomem os seus maiores... Se o mal não é maior, devemos-lo às escolas livres que conservam na França um núcleo de homens que temem e servem a Deus; devemos-lo às inumeráveis obras de caridade, religiosas na sua maioria, que se ocupam da infância e se esforçam, com os meios mais engenhosos, por preservá-la, defendê-la e salvá-la".

Outros exemplos frisantes se podem ler na obra de L. França, "Ensino Religioso e Ensino leigo", pág. 35-57.

As considerações acima habilitam-nos a concluir que subtrair às crianças o ensinamento religioso é crime não menos grave (para não se dizer: mais hediondo) do que lhes sonegar o pão cotidiano; equivale a deixar de alimentar não o seu corpo mortal, mas o seu espírito e a sua personalidade que, conseqüentemente, se tornarão atrofiados ou monstruosos.

Mas, dir-se-á, os pais e educadores que tomam atitude neutra e silenciosa perante a religião, não querem em absoluto sufocar os sentimentos religiosos dos jovens; apenas desejam que estes se desenvolvam espontaneamente, de sorte a evitar-se ruptura ou apostasia religiosa por parte do adolescente.

— Na verdade, é impossível a neutralidade em matéria de religião. Quem educa sem mencionar o nome de Deus, já profere uma tese a respeito

de Deus: dá a entender que é plenamente concebível a vida humana sem Deus, e que Este, quando sobrevém, sobrevém acidentalmente, dando como que uma modalidade, não porém, a estrutura à existência do indivíduo. Uma tal atitude no educador significa atribuir igual valor à afirmação e à negação de Deus, significa praticamente negar a Deus; é tomar a posição do ateísmo sem o nome respectivo, como dizia Leão XIII: "Istud ab atheísmo, si nomine aliquid differt, re nihil differt" (Enc. "Immortale Dei"). Deus por definição é tudo, e merece lugar primacial na orientação da vida humana, ou simplesmente é banido, pois seria contraditório ao conceito mesmo de Deus atribuir o papel de rótulo ou cartaz complementar de uma realidade já feita.

Note-se ainda: na prática é impossível aos pais e mestres mencionar os objetos e valores abordados pelas ciências (o corpo humano, a história da civilização, a economia...) sem que devam tocar indiretamente a questão mais profunda atinente à origem e à finalidade desses valores; e esta é a questão religiosa, à qual só se pode dar resposta afirmativa ou negativa (jamais neutra), pois o homem, sempre que age, age ao menos virtualmente em vista de um Fim último (que é o verdadeiro Deus ou um fantoche de Deus); é a idéia de Deus ou do Fim supremo que, em última análise, dá a estrutura a cada um dos atos humanos, por mais insignificante que pareça.

Aos que propugnam o silêncio em matéria religiosa, será preciso lembrar mais o seguinte: dificilmente a criança, por suas reflexões pessoais apenas, chegará à verdade no terreno religioso. É fato reconhecido que, para a aquisição de ciências profanas (matemática, física, história...), a inteligência necessita de uma pedagogia; a criança vai à escola. Com muito mais razão a necessidade de um guia se impõe a fim de que ela distinga claramente a Deus e para Este se encaminhe; pois a natureza humana se ressentida de desequilíbrio da concupiscência e das paixões, que lhe obscurecem o intelecto e debilitam a vontade; as desordens morais desviam o raciocínio do seu objetivo lógico e o impedem de reconhecer devidamente a Deus; é o que a experiência comprova soberbamente.

Seria, por conseguinte, utópico julgar que a criança, destituída de guia em matéria religiosa, chegaria por si mesma à Verdade neste terreno. Em relação ao último Fim, que fala à personalidade inteira, todo um mundo de interesses particulares se agita, devida ou indevidamente, dentro de cada indivíduo; requer-se, pois, a direção extrínseca que ponha ordem dentro desse mundozinho da criança. Em consequência, incumbe imperiosamente aos pais e mestres propor a Luz sobre tal questão. E esta luz — repita-se — provém não de qualquer crença religiosa, mas exclusivamente da fé católica, pois há um só Deus; em consequência, há uma só concepção autêntica de Deus e da via pela qual os homens vão a Deus; brevemente, há uma só religião: a religião monoteísta que Cristo, rematando a história antiga, veio ensinar aos homens e que se transmite ininterruptamente de Cristo a nós por meio da Santa Igreja Católica.

Não há dúvida, a manifestação da verdade católica, assim como pode concorrer para o bem do adolescente, pode também provocar da parte deste uma repulsa explícita, dando ocasião a que se torne um renegado. Isto, porém,

caso aconteça, acontece independentemente da intenção de pais e mestres, em virtude de um abuso que o jovem faz de sua liberdade. O caso de apóstata da fé ou de quem extingue a sua vida sobrenatural é análogo ao do suicida que põe fim à sua vida natural: não é por causa de um hipotético suicídio da futura prole que os casais deixam de comunicar a vida ou gerar seus filhos. O perigo de abusos não deve impedir que se proporcionem aos homens os bens capazes de os tornar dignos e felizes nesta vida e na futura.

D. Estêvão Bettencourt, O.S.B.

DO DEPARTAMENTO DE IMPRENSA DA C.R.B.

Encontro de Redatores da Imprensa Católica

Aos 28 e 29 de maio p.p., reuniram-se no Colégio do Sion de São Paulo e sob a orientação do Departamento de Imprensa da CRB, 43 redatores da imprensa católica, Religiosos, Sacerdotes diocesanos e leigos militantes no jornalismo, representando oito Estados do País e contando com a bênção de Sua Emcía. Dom Carlos Carmelo Vasconcelos Motta, com a presença de Dom Frei Anselmo Pietrulla, OFM DD. Bispo de Tubarão e a palestra final de Dom Antônio Maria Alves de Siqueira; M.D. Arcebispo Auxiliar de S. Paulo.

As resoluções tomadas nessa ocasião foram estas:

1. Comunismo — Fornecer sobretudo notícias objetivas sobre as atividades comunistas. O combate não se limite ao lado negativo pela condenação, mas também apresentando, mediante fatos, as incoerências, as falhas e os insucessos do comunismo. Utilizem-se "slogans".

Para as próximas eleições, apresentar tópicos da Encíclica "Divini Redemptoris" de Pio XI, bem como as pastorais dos Srs. Bispos, p. ex. "A Voz do Pastor", do Cardeal Câmara e de Dom Scherer.

A mão de boa bibliografia, realizar uma campanha eficiente e bem planejada contra o comunismo (sirva de exemplo "Anais Franciscanos", como tipo de planejamento anual).

Confrontar os países democráticos com os países dominados pelo marxismo: Cuba, Cortina de ferro e de bambu.

Alertar o público sobre a ameaça comunista no Brasil, máxime quanto às suas táticas na propaganda eleitoral.

Recomendar aos leitores, através da imprensa, a literatura católica sobre o comunismo.

Quanto à infiltração comunista no mundo estudantil, cumpre aos órgãos colegiais e juvenis alertar sobre o perigo e esclarecer a respeito mediante a doutrina católica.

2. Questão social — Divulgar notícias e artigos a respeito da aplicação da doutrina social católica, inclusive a reforma agrária encetada pelos Bispos e por grupos católicos, segundo a encíclica "Mater et Magistra". Variar na apresentação do assunto, ora notícias, reportagens, entrevistas, ora pronunciamentos de autoridades competentes.

Propagar o mais possível as atividades da Igreja. Considerar como o

primeiro passo para a verdadeira reforma agrária a sindicalização tanto dos trabalhadores rurais como dos fazendeiros (empresários). Dar apoio aos líderes, estimulando-os a prosseguir na luta contra a infiltração de elementos esquerdistas e demagógicos.

A Imprensa Católica deve empenhar-se para que todos cumpram seus deveres, tanto os empregados como os empregadores, porque o cumprimento dos deveres sociais por parte de uns salvaguarda os direitos dos outros.

3. Concílio Ecumênico — As freqüentes publicações, evidenciando os trabalhos conciliares, deverão mostrar aos católicos a importância do acontecimento. Dêste modo, os leitores participarão ativamente com suas orações e acatarão com devotamento as resoluções do Concílio.

Salientar, na Imprensa Católica, que o Concílio Vaticano II não será o Concílio da União das Igrejas cristãs. Será antes, segundo expressão do Cardeal Bea, uma preparação para o futuro Concílio da União.

É desejo expresso do Papa João XXIII que o Concílio seja o mais amplamente divulgado tanto pela Imprensa Católica como pela imprensa profana. Os jornalistas católicos deverão por conseguinte fornecer material à imprensa leiga.

O material sobre o Concílio poderá ser colhido de revistas estrangeiras e na REB, como também das agências católicas e do CIC que fará ampla cobertura sobre os preparativos imediatos e a realização.

4. Futuros encontros de redatores — Satisfeitos com o resultado do encontro efetuado em São Paulo, os Redatores sugeriram a sua repetição em outros Estados.

5. Apêlo às Províncias — Os Redatores apelam para as Províncias e Viceprovíncias no sentido de mandarem ao Centro Informativo Católico (Cx. Postal 23 - Petrópolis - R.J.) as notícias relativas às suas obras sociais a fim de serem transmitidas à Imprensa Católica e servirem de prova da atividade das respectivas Ordens e Congregações religiosas.

Adiada a assembléia geral dos editores católicos

A diretoria da "Associação para Editores Católicos" (APEC) que havia convocado seus membros para uma assembléia geral a ser realizada, em julho próximo, avisa que a mesma foi adiada visto o seu Presidente Frei Matias Heidemann OFM ter ido em visita à exposição da DRUPA na Europa onde tratará também de outros negócios de interesse geral. Oportunamente será dado nova visão sobre a definitiva realização da Assembléia.

A Colaboração dos católicos na imprensa leiga

A infiltração de assuntos católicos na imprensa leiga está sendo efetuada por vários jornalistas, quer padres quer seculares. E o resultado não tem faltado. Gente que não frequenta a Igreja nem lê os órgãos desta, recebe ao menos algum pensamento ou norma para a sua conduta pessoal, através de artigos espalhados nos jornais leigos. Nem o título nem o assunto de tais colaborações têm que trair, à primeira vista, a orientação religiosa; há quem desaconselhe até títulos das respectivas colunas como sejam: "Coluna católi-

ca" ou "Secção religiosa" para não chocar, desde logo, os leitores afastados da Igreja. Há sacerdotes que, no mesmo intuito, escrevem na imprensa leiga, sob pseudônimo.

Precisamos, porém, de muita cautela na escolha dos órgãos leigos. Se em tempos normais a nossa colaboração fica restringida aos jornais que não combatam aberta ou disfarçadamente os princípios da Igreja, com especialidade hoje que muitos jornais suspeitos procuram artigos ou notícias religiosas para se infiltrarem nos meios católicos, alegando ainda a seu favor as assinaturas abertas por Sacerdotes ou até Bispos.

Haja vista o número crescente de jornais e revistas de orientação comunista surgidos nos últimos anos. Mais perigosa se torna a aquisição de órgãos, dantes tradicionalmente conservadores, cuja linha de conduta foi radicalmente mudada pelos comunistas, sem que o público se convença disso. Ninguém se iluda pensando que com seus artigos convertam os leitores da imprensa comunista ou os próprios dirigentes da mesma.

Houve casos em que a última decisão sobre o cancelamento de colaboração em jornais suspeitos de comunistas coube à autoridade eclesiástica. Entretanto, não convém que se aguarde a proibição, desde que apareçam motivos graves de se duvidar da reta orientação de um jornal.

(resp. Frei Venâncio Willeke, OFM)

COMUNICAÇÕES

1. A Conferência dos Religiosos, pelo seu Departamento de Catecismo, volta a informar a data dos **Cursos de Organização Catequética** que está promovendo.

Os Cursos terão lugar nas seguintes cidades:

São Paulo, de 19 a 24 de agosto;

Rio de Janeiro, de 26 a 31 de agosto;

Belo Horizonte, de 2 a 7 de setembro.

A parte de **organização** da catequese estará aos cuidados do Revmo. Pe. Jaime McNiff, chefe da equipe a serviço do CELAM e Diretor do Instituto Superior para a América Latina em Santiago do Chile, enquanto a Revda. Madre Teresa de Cristo Lizier, Diretora do Centro Nacional Catequético, incumbir-se-á da parte didática.

Nestes cursos serão admitidos somente Sacerdotes, podendo participar também Irmãos de elevada cultura religiosa.

As inscrições podem ser feitas diretamente na Sede Central da CRB, à Av. Rio Branco, 131 - 9.º - Rio de Janeiro.

2. O Departamento de Catecismo informa também que está sendo organizado pela Diocese de Caratinga, um Curso Intensivo de Orientadores de Catequese, Secção de Curso Primário, a ser realizado de 1 a 14 de julho.

Para informações e inscrições dirigir-se à: Escola Normal Santa Teresinha, Manhumirim-MG (ao pedido de informações juntar um envelope selado).

3. O Curso sobre a Doutrina Social da Igreja para Religiosas terá lugar na Casa Nossa Senhora da Paz (Rua Visconde de Pirajá, 351 - Ipanema - Rio); de 23 a 28 de julho próximo.

Versará sobre problemas sócio-econômicos e analisará a realidade brasileira à luz da doutrina da Encíclica "Mater et Magistra".

O Curso se destina a Religiosas, particularmente Professôras de Religião de nível superior e médio, e às responsáveis das Casas de Formação.

As inscrições devem ser dirigidas diretamente à CRB, Av. Rio Branco, 131 - 9.º - Rio de Janeiro.

PEDIDOS DE NOVAS FUNDAÇÕES

UBERABA, MG — A Sociedade Uberabense de Proteção e Amparo aos Menores, SUPAN, pede uma Congregação Feminina para dirigir a "Escola Profissional Santa Catarina de Sena", mantida pela mesma Sociedade. Uma três Irmãs seriam suficientes para a direção e administração da Escola, que se destina à preservação de meninas, entre oito e dez anos, formando-as como domésticas ou outra profissão para a qual mostrem pender.

A mesma Sociedade pede uma Congregação masculina para a administração do Abrigo de Menores Leopoldino de Oliveira, para meninos abandonados, instituição também mantida pela SUPAN, em sede própria de 7 alqueires, abrigando atualmente 30 meninos, mas com capacidade para acolher número maior.

S. PEDRO DO SUL, RS — Cidade com 7.000 habitantes, próxima a Santa Maria. Hospital com 30 leitos, bons médicos e ótima diretoria. Missa diária em capela própria. O motivo da desistência da atual Congregação é a urgente necessidade de as Irmãs cursarem enfermagem e não acharem outra solução se não diminuir o número de casas. Pedir informações a: Av. Nazaré, 470, Ipiranga — São Paulo, e Rua Gaspar Martins, 415 — Santa Maria, RS.

OLÍMPIA, SP — Pede-se uma Congregação feminina para a direção da Casa da Criança Santa Filomena, atualmente funcionando em casa alugada, com 36 crianças, de 3 até 8 anos. Está sendo terminada construção do prédio que será a sede definitiva: clausura e capela para as Religiosas, 1 consultório médico e outro dentário, sala de repouso, berçário com 25 berços, sala de refeição, biblioteca, sala de assistência social, sala para a diretoria, grande parque infantil, mantido pela prefeitura, e jardim de infância com moderníssimas instalações.

CAIAPÓIA, GO — Cidade com 2.000 habitantes no centro e 15.000 no município, na diocese de Jataí. A Associação N. Sra. de Montserrat doará a uma Congregação feminina um educandário, com curso primário, com prédio de 6 salas já construído, amplo terreno e ambulatório. Pedem que tomem conta do educandário e do ambulatório.

RIO DE JANEIRO, GB — Uma comissão de Senhoras, encabeçando as numerosas famílias do lugar, pedem uma Congregação Religiosa feminina interessada na construção de um Educandário para meninas, na Paróquia de N. Sra. dos Navegantes, em Bonsucesso, ao lado da Avenida Brasil. Não há nenhum educandário religioso na redondeza, e as famílias estão preocupadas para que a mocidade tenha um amparo moral, religioso e educativo que só uma Congregação religiosa pode oferecer.

GOVERNADOR PORTELA, RJ — O Vigário de Governador Portela, 2.º distrito do Município de Miguel Pereira, pede a fundação de uma Casa Religiosa na Paróquia. Pelas necessidades espirituais da mesma seria interessante uma Congregação feminina catequista, que pudesse ajudá-lo no apostolado paroquial e catequético. Há uma população de 7.000 almas, com muitos operários que trabalham nos departamentos da E. F. Central do Brasil, uns 1.200 estudantes em várias escolas leigas, vários centros de espiritismo e macumba, e apenas um Sacerdote.

UBATUBA, SP — Cidade no litoral paulista, perto do Estado do Rio. Pedem, para a Santa Casa de Misericórdia da Irmandade Senhor dos Passos, uma Congregação de Religiosas, pelo menos com 3 enfermeiras, para a mesma Santa Casa e um hospital de emergência. Há lugar pronto para a hospedagem das Irmãs. Mais tarde seria construído prédio novo para o hospital. A ALA de Santos dará toda a assistência.

MONTE SION, MG — Cidade de 2.500 habitantes (12.000 no município), a 200 Km de São Paulo, com três ônibus diários, a 9 Km de Aguas de Lindoia, em ótimo clima de montanha. Pedem uma Congregação feminina (duas ou três Irmãs) para o Asilo São Vicente, da Sociedade de São Vicente de Paulo. Prédio novo, completo, com capela e clausura, pronta, esperando as Irmãs para inauguração.

PEREIRA BARRETO, SP — O Vigário da Paróquia de São Francisco Xavier, na Diocese de Jales, pede uma Congregação feminina (umas três Irmãs) para a assistência ao povo tão necessitado, na Santa Casa de Misericórdia local.

JAGUAREMA, SC — Oferecem um Hospital, já montado e equipado, gozando de uma subvenção anual de Cr\$ 300.000,00, mais outras subvenções possíveis do Governo Estadual. Será doado à Congregação que aceitar sua administração.

BIBLIOGRAFIA

Pe. Godfrey Poage CP. **RECRUTANDO PARA CRISTO**. Tradução de Frei Odolfo Broering OFM. Petrópolis, Ed. Vozes, 1962. 176 pgs.

O Autor, talvez o maior especialista da pastoral vocacional nos Estados Unidos, é agora o Secretário da "Obra Pontifícia das Vocações Religiosas", dentro da Sagr. Congregação dos Religiosos, em Roma, onde passará doravante vários meses do ano. Este simples fato demonstra até que ponto é universalmente reconhecida a competência eficaz do Pe. Poage. Já perto de 200 exemplares do livro foram vendidos na última Assembleia dos Superiores Maiores Religiosos, celebrada no fim de abril. O livro acabava de sair. Este êxito imediato é um eloquente convite que os Superiores fazem aos Religiosos e às Religiosas para lerem, quanto antes,

tão útil obra. Sem equivalente na língua portuguesa. Não só os sacerdotes ocupados na cura de almas, mas ainda os Superiores, os Professores de ambos os sexos, religiosos e leigos, encontrarão na leitura numerosas sugestões concretas, talvez nem sempre aplicáveis no Brasil, mas pelo menos transponíveis e adaptáveis, como sublinha Frei Marcelo Gomes, num ótimo prólogo.

Um índice analítico, que não existia nas edições norte-americana e argentina, faz do breve livro um "verdadeiro manual de ação vocacional que o tradutor teve o cuidado de adaptar à realidade brasileira.

Maria Junqueira Schmidt. **EDUCAR PARA A RESPONSABILIDADE**. Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1961. 326 pgs.

Maria Junqueira Schmidt é hoje uma das grandes educadoras no Brasil. Não só autora de alguns esplêndidos livros didáticos e históricos, como de obras de fina pedagogia, quais o que motiva esta apreciação e "O Ensino científico das línguas modernas" e "Educar pela Recreação".

Mas o que mais realça a obra de M. J. S., neste campo, é a sua objetividade no exame dos assuntos, sempre acompanhado de alta espiritualidade.

Simples na exposição, com linguagem se não de absoluta pureza, pelo menos de suficiente correção, com gosto declarado para certos neologismos, não de todo desnecessários, tais *permissividade*, *pertencimento*, *relacionamento*, *maximalizar*, a autora consegue prender a atenção do leitor de modo constante.

A sua experiência, sem estudos especializados, seus numerosos escritos em torno da educação, tudo isso faz com que *Educar para a respon-*

sabilidade seja um livro de primeira ordem e mais do que oportuno na hora presente.

O simples enumerado dos capítulos revela a riqueza do conteúdo: 1) Os passos da responsabilidade; 2) O essencial em educação; 3) Programa de vida, programa de educação; 4) As fronteiras da liberdade; 5) Os ideais da adolescência; 6) Princípios de vida social cristã; 7) A mensagem libertadora do amor; 8) Somos todos responsáveis.

Rica matéria a ser meditada por quantos labutam na formação da mocidade, mormente pais e professores, a fim de prepará-la para a

responsabilidade que a aguarda, conforme já vem dito no princípio da orelha: "Este livro propõe ao Pai, ao Mestre, ao Animador da educação popular uma visão humanística da tarefa formativa. Para a autora a unidade não é a sociedade e sim a personalidade. Portanto, incumbe ao Educador, através de seu ensino, tornar os jovens conscientes de seus recursos pessoais, despertando-os, simultaneamente, para suas responsabilidades.

Ao escrever este livro, M. J. S. prestou ótimo serviço à nação.

I. J. D.

Pio XII, A VIDA CONTEMPLATIVA: Tríplex Radiomensagem "Cedant volentiers", (Documentos Pontifícios n.º 137). Petrópolis Ed. Vozes, 1962. 32 pgs.

Pio XII, POBREZA, OBEDIÊNCIA E CASTIDADE NOS ESTADOS DE PERFEIÇÃO. Vários Discursos. (Documentos Pontifícios, n.º 139). Petrópolis, Ed. Vozes, 1962.

Eis dois novos "Documentos Pontifícios" importantes para a formação pessoal dos Religiosos e para o cultivo das vocações. O primeiro traz os três famosos discursos que o Papa, doutor da vida religiosa, dirigia numa "audiência invisível" às contemplativas do mundo inteiro, em 1958, dois meses antes de sua morte. A leitura deste "testamento espiritual" do saudoso Pontífice interessará não só aos Confessores de contemplativas, mas também a todos os membros dos Estados de perfeição, porque todos almejam dar à contemplação tempo e valor; precisam, ter idéias exatas sobre a natureza íntima e o alcance eclesial deste fundamento de toda vida religiosa.

O segundo reúne, de maneira muito oportuna, os discursos de Pio XII aos Congressos dos Estados de Perfeição e aos Superiores Gerais. Pio XII encarou aí, duma maneira quase exaustiva, os problemas da autoridade e da obediência, da colabora-

ção dos Institutos entre si e com as autoridades eclesásticas, da isenção e das relações de religiosos de ambos os sexos, mas ainda os jovens curiosos dos problemas contemporâneos da vida religiosa encontrarão neste precioso compêndio, com uma enumeração paragrafada muito prática, a resposta a várias perguntas espontâneas. Seria mesmo de desejar que as comunidades religiosas femininas fizessem presente deste documento a seus confessores membros do clero secular, para lhes facilitar a inteligência dos problemas específicos da vida religiosa.

Mais ou menos mil exemplares dos dois documentos foram comprados na última Assembléia dos Superiores Maiores: índice seguro de que o documento 139 sobre a "pobreza, obediência e castidade nos Estados de perfeição" se tornou um instrumento de trabalho indispensável para todos os que lidam com problemas de formação ou de vocações.

Pe. Bertrand de Margerie SJ.

CADERNOS VOCACIONAIS — Órgão oficial do Secretariado Nacional de Vocações Sacerdotais da CNBB. Diretor responsável: D. Vicente Zioni.

Com satisfação saudamos a iniciativa de D. Vicente Zioni, Diretor do S. N. V. S., de publicar uma revista

vocacional de âmbito nacional (cujo ritmo de periodicidade ainda não foi determinado). CV será uma "vei-

culo noticioso, formativo e pastoral, tanto para as Autoridades eclesásticas, como para todos aqueles que se dedicam particularmente ao apostolado das vocações sacerdotais”.

CV terá, por isso, 10 seções fundamentais: documentário, sugestões e iniciativas, estudos, apresentados sinteticamente, pastoral, experiências, subsídios didáticos, noticiário, estatísticas em conjugação com a CRB, história e bibliografia, tudo em matéria vocacional.

CV pede a mais franca e construtiva colaboração de todos os apóstolos das vocações sacerdotais e religiosas em nossa Pátria. Asseguramos à Direção que gozará de nossa mais ampla, fraternal e perseverante

colaboração. CV ajudará os Religiosos a cumprirem com seu dever de participarem no recrutamento do clero secular: com efeito, tornará conhecidas deles as “iniciativas da Pontifícia Obra das Vocações Sacerdotais”. Temos a convicção de que, em virtude da grande abertura de espírito já manifestada pela nova revista, fará também conhecer ao clero secular as iniciativas da Obra não menos Pontifícia das Vocações Religiosas.

A apresentação do material do 1º número é magnífica, e aguardamos com certa curiosidade a saída do número 2.

Pe. Bertrand de Margerie S.J.

Outras Revistas enviadas à Redação

LUMEN — Revista de Cultura do Clero. Mensal. União Gráfica, Campo dos Mártires da Pátria, 43 — Lisboa.

LE CHRIST AU MONDE. Revue internationale d'expériences apostoliques. Lungotevere dei Vallati, 1 — Roma.

A PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA. Padres da Divina Providência, Rua do Riachuelo, 367 — Rio de Janeiro — GB.

ECO LAGOENSE. Ginásio Duque de Caxias, — Lagoa Vermelha — RS.

AGÊNCIA MISSIONÁRIA SALESIANA. Grupo Missionário Dom Lasagna, Rua Pio XI, 1024 — São Paulo — Cap.

NOTÍCIAS para os nossos Amigos. Trimestral. Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus, Sede Padre Reus, Rua Duque de Caxias, 1289 — Porto Alegre — RS.

JORNAL DO POVO. Cachoeira do Sul — RS.

CENTELHAS — Revistas das Filhas de Maria Imaculada. Bimestral. Praia do Botafogo, 266 — Rio de Janeiro — GB.

REPARAÇÃO. Revista editada pela Província Meridional Brasileira da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. Bimestral. Rua Carolina Santos, 143 — Méier — Rio de Janeiro — GB.

REVISTA GREGORIANA (Edição portuguesa da “Revue Grégorienne de Solesmes”). Órgão do Instituto Pio X do Rio de Janeiro. Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro — GB.

ESPERANÇA. Periódico noticioso e cultural a serviço de um Brasil melhor. C. P. 1134. Porto Alegre — RS.

A MISSIONÁRIA DE JESUS CRUCIFICADO. Revista Bimestral. Av. Saúde, 705, Campinas — SP.

AÇÃO DEMOCRÁTICA. Publicação mensal do Instituto Brasileiro de Ação Democrática. C. P. 1925 — Rio de Janeiro — GB.

OPSI INFORMA. Publicação da Obra Pontifícia da Santa Infância. Secretariado Nacional da OPSI, Rua Alm. Alexandrino, 745, Santa Teresa — Rio de Janeiro — GB.

Nihil obstat

Rio de Janeiro, 25 de maio de 1962

Pe. Frei Jacinto de Palazzolo OFM. Cap.

Penhor Eclesiástico.